



LITMAT:

LETRAMENTO MATEMÁTICO ARTICULADO À
LITERATURA INFANTIL



Sheyla Santos de Sousa
Helen Silveira Jardim de Oliveira



Rio de Janeiro, 2026



LitMat:
Letramento Matemático
articulado à Literatura Infantil

Sheyla Santos de Sousa
Helen Silveira Jardim de Oliveira

LitMat:
Letramento Matemático articulado à Literatura Infantil

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2026

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S725 Sousa, Sheyla Santos de
LitMat : letramento matemático articulado à literatura infantil / Sheyla Santos de Sousa ; Helen Silveira Jardim de Oliveira. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Imperial Editora, 2026.

93 p.

Bibliografia: p. 88-92.

ISBN: 978-65-5930-220-8

1. Matemática – Estudo e ensino. 2. Alfabetização matemática. 3. Literatura infantil. 4. Educação infantil – Estudo e ensino. I. Oliveira, Helen Silveira Jardim de. II. Título.

CDD 510.07

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Resumo



Este caderno pedagógico, organizado em formato de *e-book*, é fruto da pesquisa intitulada Letramento matemático na pré-escola: uma proposta de trabalho pedagógico articulado à literatura infantil, desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II. O material tem por finalidade apresentar propostas de atividades pedagógicas que integrem o letramento matemático à literatura infantil na pré-escola. Fundamentado teoricamente em estudos sobre infância, letramento, letramento matemático e práticas pedagógicas na Educação Infantil, bem como nas orientações da BNCC (Brasil, 2017), o produto organiza-se em três sequências didáticas: “Além dos números cardinais e ordinais”, “Sistema monetário: construindo valores” e “Problemas monstruosos: vamos resolver juntos!”. As propostas visam à ampliação da concepção de número, à compreensão do sistema monetário e ao desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas, promovendo o raciocínio lógico, a argumentação, a colaboração e a relação da matemática com práticas sociais significativas. Além disso, são sugeridas dez sugestões literárias profícuas para a exploração do letramento matemático. O material busca oferecer subsídios teóricos e práticos voltados para o letramento matemático na Educação Infantil, fortalecendo uma abordagem contextualizada, crítica e socialmente relevante da matemática desde a primeira infância.

Palavras-chave: Educação Infantil, letramento matemático e literatura infantil



Sumário



1-Referencial teórico do Produto Educacional.....	11
2- Sequências Didáticas.....	24
2.1-Unidade 1: Além dos números cardinais e ordinais.....	24
2.2-Unidade 2: Sistema monetário: construindo valores.....	43
2.3-Unidade 3: Problemas monstruosos: vamos resolver juntos!.....	61
3-Ampliando as sugestões literárias.....	77
Referências	88
Sobre as autoras.....	93



Carta de apresentação

Caro(a) leitor(a), este Produto Educacional (PE) apresenta uma proposta com três sequências didáticas (SDs) elaboradas a partir de dissertação realizada no programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB-CP II), intitulada “Letramento matemático na pré-escola: uma proposta de trabalho pedagógico articulado à literatura infantil”. Este PE foi elaborado pela mestrandia Sheyla Santos de Sousa sob a orientação da Profa. Dra. Helen Silveira Jardim de Oliveira.

A construção deste PE parte inicialmente da necessidade de ressignificação, expansão e aprofundamento das autoras sobre o ensino-aprendizagem de matemática na Educação Infantil; e se expande na medida em que busca compartilhar as aprendizagens adquiridas durante esse processo com outros docentes da primeira infância. Diante disso, os materiais escolhidos e os recursos apresentados ao longo desta obra foram cuidadosamente pensados para conversar diretamente com você, professor(a), que se dedica a repensar sua prática cotidiana com olhar atento e reflexivo.

Este material formativo foi concebido para entrelaçar a matemática e a literatura infantil em três SDs e uma seção que tem o intuito de trazer outras sugestões literárias voltadas para o letramento matemático dirigidas a turmas de pré-escola (faixa etária dos 4 a 5 anos). Partimos do princípio de que a matemática já pulsa no cotidiano das crianças: ela surge nas brincadeiras, nas conversas sobre “mais” e “menos”, nas contagens espontâneas para decidir quem começa, nos acordos a respeito de tempo, espaço, quantidade e medida. Quando a Educação Infantil legitima essas vivências e as toma como ponto de partida, abre espaço para ampliar o repertório matemático dos pequenos de forma significativa, conectando o que eles já sabem ao que podem descobrir.

Desse modo, acreditamos que a proposta de letramento matemático que abordaremos ultrapassa o simples ensino de matemática e o contato espontâneo através de suas vivências, visando inserir a criança em práticas sociais que envolvem linguagem, raciocínio, observação, descoberta e exploração de ideias matemáticas em contextos reais e simbólicos.

Para ampliar e qualificar as reflexões, recorreremos a autores que se dedicaram ao estudo das temáticas relacionadas às categorias centrais da elaboração deste PE. Além disso, fundamentamo-nos em documentos institucionais, produzidos em âmbito nacional e municipal (Rio de Janeiro, RJ), que servem como referência para a organização das práticas pedagógicas na Educação Infantil.

No que se refere aos autores, destacamos Vieira e Baptista (2023), Kramer

(1986, 2006) e Abramowicz e Kramer (2023), a fim de refletir sobre a construção da percepção da infância e como ela é considerada na atualidade. Embasadas nos estudos realizados por Soares (1998, 2018, 2022), observamos a ampliação e as influências acerca do conceito de letramento diante das características presentes no cenário brasileiro. O letramento matemático é apresentado de acordo com a definição de Santos (2020) estabelecendo uma relação para além dos conhecimentos matemáticos.

Apoiamo-nos nas contribuições de Smole (2000) sobre a importância de se estabelecer uma conexão da matemática com a literatura infantil e nos baseamos nas quatro etapas para a exploração literária (motivação, introdução, leitura e interpretação) segundo Cosson (2016). Cabe enfatizar que a literatura infantil é uma área de conhecimento autônoma e não está submetida a uma missão pedagógica (Zilberman, 2006). Todavia, ela também pode ser concebida como um recurso profícuo para aprendizado de outras áreas de conhecimento, como em relação à matemática.

No que diz respeito aos conhecimentos matemáticos a serem explorados na Educação Infantil, selecionamos os estudos de Lorenzato (2018), que aborda as percepções matemáticas como fundamentais para o desenvolvimento do pensamento lógico e crítico das crianças.

A fim de evidenciar a importância da representação matemática como uma possibilidade de criação, organização e compreensão dos conhecimentos, destacamos Munson, Williams e Boaler (2023).

O primeiro documento foi a BNCC (Brasil, 2017) selecionado por ser a orientação fundamental para a elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas mais recentes para a Educação Infantil de cunho nacional. O Currículo Carioca (Rio de Janeiro, 2020), por sua vez, foi escolhido por orientar as práticas curriculares e docentes que se alinham à BNCC e buscam tecer relações com a pluralidade existente na Educação Infantil carioca.

Mesmo diante de um cenário amplo, a especificidade do município do RJ se faz relevante, pois é o campo de estudo no qual as autoras elegeram aplicar as três propostas das SDs. Essa seleção não se deu de maneira aleatória, mas em razão de uma das autoras ter vínculo institucional como docente na prefeitura do RJ.

O material foi organizado em cinco seções. A primeira, intitulada “Referencial teórico do Produto Educacional”, apresenta os fundamentos que orientam nossas escolhas e reflexões teóricas ao longo da obra. Essa seção está subdividida em seis subseções: 1.1) “Educação Infantil em foco: avanços legais e percepções de infância”; 1.2) “Letramento e letramento matemático”; 1.3) “Ensino de matemática na Educação Infantil”; 1.4) “Aprendizagem matemática na infância: explorando o pensar com sentido e leveza”; 1.5) “Conexões matemáticas com a literatura

infantil”; e 1.6) “Sequência didática”.

Nesse contexto, é imprescindível deixar claro que as sugestões reunidas neste material não se destinam a engessar a prática nem a padronizar experiências. Nosso propósito é, antes de tudo, ampliar o horizonte de possibilidades do(a) professor(a), reconhecendo-o(a) como autor(a) de seu planejamento e como pesquisador(a) do cotidiano da turma. (Moreira; Caleffe, 2008).

Por isso, em vez de oferecer um “passo a passo” imutável, apresentamos referenciais teórico-metodológicos – pequenas chaves que abrem múltiplas portas. Trazemos conceitos, provocações e exemplos que podem ser adaptados, reorganizados ou até descartados conforme o contexto, a curiosidade das crianças e os princípios pedagógicos da escola. Ao valorizar essa flexibilidade, reafirmamos a centralidade da escuta sensível das infâncias: a conversa, a brincadeira, o interesse que emerge ali, em tempo real, que deve orientar as decisões didáticas relacionadas à sequência de atividades. Assim, mais do que indicar um caminho único, convidamos o docente a cartografar caminhos próprios, sustentados por reflexão crítica e diálogo permanente com sua turma.

A segunda seção, chamada “Sequência didática”, está dividida em três blocos: a primeira sequência chama-se “Além dos números cardinais e ordinais”; a segunda, “O sistema monetário: construindo valores”; e a terceira, “Problemas monstruosos: vamos resolver juntos!”. A primeira tem como foco a exploração do sistema cardinal e ordinal; a segunda, o sistema monetário; já a terceira concentra-se na resolução de problemas.

Cada sequência tem início com a apresentação da unidade e do título, seguidos do resumo do livro, elaborado a partir de informações de sua própria sinopse, e de pesquisas realizadas em *sites* e *blogs*. Justificamos porque consideramos essa literatura potente para a articulação com o letramento matemático; também apresentamos os autores e ilustradores, ressaltando um pouco sobre a sua trajetória a partir de pesquisas realizadas em diferentes fontes (*sites*, *blogs*, *LinkedIn*). Seguimos com a organização estrutural da SD, composta por: tema da unidade; propostas gerais de ensino-aprendizagem da sequência; recursos materiais; tempo de duração aproximado; organização da turma; introdução; desenvolvimento; avaliação. Finalizamos com a apresentação das propostas de atividades.

É importante sinalizar que as propostas de atividades estão divididas em momentos; o primeiro momento das SDs valoriza a exploração da leitura conforme as etapas propostas por Cosson (2006). Todos os momentos, com exceção da avaliação, apresentam o campo de experiência e o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento conforme a BNCC (Brasil, 2017), aos quais as propostas estão vinculadas; definem um objetivo de trabalho docente voltado para a matemática, elaborado pelas autoras; e, por fim, explicam as atividades que integram a SD. Eles

também incluem possibilidades de perguntas como sugestões de diálogo para o(a) professor(a) instigar o aluno a pensar sobre a temática.

Por vivermos inseridos em um ambiente tecnológico que pode agregar positivamente nas práticas educacionais, utilizamos elementos pré-textuais, como *links*, vídeos e outros recursos complementares. Sinalizamos que os recursos disponíveis de acesso livre e gratuito que utilizamos para a construção deste PE, na plataforma Canva, apresentam algumas limitações, de forma que são mais eficientes se a SD for acessada através de um computador. Contudo, ainda são recursos muito potentes no quesito de interação e acessibilidade digital.

Ao concluir cada sequência propomo-nos momentos de avaliação que se aproximam mais de uma escuta pedagógica do que de um veredito. Nosso interesse é pelo percurso, não pelo rótulo. Nesse sentido, a observação de gestos, hipóteses, tentativas, reformulações das crianças e registros são importantes para compreender como cada grupo vai tecendo suas próprias estratégias acerca da linguagem matemática. Os materiais sugeridos são descritos em detalhes, mas nunca fechados em si – cabem recriações com o que houver à mão, dos materiais simples aos sofisticados, conforme o contexto permitir.

Na terceira seção, “Ampliando as sugestões literárias”, apresentamos um pequeno catálogo com dez títulos infantis que cruzam imaginação literária e o pensamento matemático. Para cada obra destacamos a capa, uma sinopse sucinta, que segue os mesmos critérios de construção das já citadas anteriormente, e possibilidades de exploração matemática a partir da narrativa. Finalizamos com a quarta seção, “Considerações finais”, em que discutimos sobre o processo de seleção, construção e aprimoramento das SDs, incluindo os desafios observados para fomentar a articulação entre a literatura e o letramento matemático.

O sucesso dessas propostas está diretamente ligado à mediação pedagógica realizada pelo(a) professor(a), cuja atuação sensível, respeitosa e intencional é essencial na construção de experiências com significado. Ao se aliar às formas infantis de ser e aprender, o(a) educador(a) assume um papel central nesse processo, promovendo práticas que acolhem a ludicidade, a curiosidade e a escuta ativa como elementos fundamentais.

Convidamos, portanto, cada docente a entrar nesses itinerários com a carga leve: sem apego a modelos prontos, mas munido de olhar investigativo e disposição para experimentar. Não há fórmula única; há um processo dialógico que requer reflexão contínua, ajustes finos e, acima de tudo, confiança na potência das crianças de produzir conhecimento quando provocadas de forma ética e lúdica.



1 Referencial teórico do Produto Educacional

1.1 Educação Infantil em foco: avanços legais e percepções de infância

Nas últimas décadas, a Educação Infantil no Brasil passou por transformações importantes em termos de reconhecimento legal e político. Essas mudanças, que seguem em constante transição e aprimoramento, estão atreladas à forma como a sociedade compreende os conceitos de “criança” e “infância”. Vieira e Baptista (2023) corroboram essa ideia ao destacar que entender os conceitos de infância e criança como constructos sociais significa desnaturalizá-los, uma vez que são atravessados por valores, representações e significados históricos conforme o tempo e o contexto social a que se vinculam.

Acreditamos que reconhecer a infância como uma etapa fundamental do desenvolvimento humano é um entendimento central para a discussão que pretendemos tecer. Tendo como base a abordagem de Kramer (2006, p. 789), ao considerar a Educação Infantil como uma instância indissociável do “[...] processo de democratização da educação brasileira [...]”, nos propomos a refletir sobre os marcos legais que sustentam o direito à infância no Brasil. Entendemos que essas conquistas são fruto de lutas históricas, embora não seja nosso objetivo debruçarmo-nos sobre elas neste momento.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a criança passa a ser reconhecida, sendo considerada como um sujeito de direitos. Essa nova perspectiva também introduz o direito à escolarização a partir dos seus primeiros anos de vida. Vieira e Baptista (2023, p. 43-44) ampliam o debate ao considerar que essa postura legislativa “[...] também inovou ao determinar os responsáveis por assegurá-la, fazendo corresponder, ao direito de cidadãos e cidadãs, o dever do Estado de ofertá-la”. A partir disso, políticas públicas foram formuladas visando impulsionar uma maior responsabilização na garantia desses direitos.

Destacamos como outro marco central importante o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. O ECA consolida os direitos civis, sociais e educacionais fundamentais da criança, reforçando o princípio da proteção integral que exige ações coordenadas entre Estado, família e sociedade para garantir o pleno desenvolvimento infantil.

Para atender as necessidades de organização e garantir uma base de qualidade para o sistema educacional brasileiro, foram elaborados documentos essenciais que contribuíram em diferentes aspectos para a construção de um currículo educacional na Educação Infantil, como: a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional [LDB] – Brasil, 1996); o Referencial

Curricular para a Educação Infantil (RCNEI – Brasil, 1998); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI – Brasil, 2010); e a BNCC (Brasil, 2017).

Por mais que os documentos citados tenham sido elaborados em momentos distintos, eles compõem um conjunto normativo que se articula no fortalecimento da Educação Infantil como direito da criança e dever do Estado. Os apresentaremos sucintamente e para acessá-los na íntegra, basta clicar em seus nomes.

A LDB (Brasil, 1996) reconhece a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, garantindo sua finalidade educativa e não apenas assistencial. O RCNEI (Brasil, 1998), ainda que não tenha caráter obrigatório, inaugura uma perspectiva pedagógica mais estruturada, voltada ao desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físicos, afetivos, cognitivos e sociais.

Já as DCNEI (Brasil, 2010) aprofundam o entendimento do RCNEI (Brasil, 1998) ao destacar princípios como a indissociabilidade entre educar e cuidar, o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, além da valorização das experiências lúdicas. A BNCC (Brasil, 2017), por sua vez, consolida as diretrizes ao propor uma organização curricular baseada nos direitos de aprendizagem e nos campos de experiência, indicando objetivos de desenvolvimento que respeitam as especificidades da infância.

Além dessas propostas mais voltadas para os aspectos curriculares e pedagógicos, também cabe destacar que, em 2007, foi criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização do Magistério (Fundeb), tornado permanente pela Emenda Constitucional nº 108, de 26 de agosto de 2020. Esse ato representa um avanço decisivo, embora nem sempre bem aplicado, ao garantir recursos financeiros contínuos e mais equitativos para a educação pública, incluindo a Educação Infantil. Ter ciência sobre esse percurso histórico é importante para entendermos os constructos políticos, sociais e culturais que consolidaram as visões de infância e criança estabelecidas na contemporaneidade.

Antes mesmo da existência dos instrumentos normativos, Kramer (1986, p. 79) já compreendia a criança como um ser social “[...] um ‘cidadão de pouca idade’ enraizada num todo social que envolve e que nela imprime padrões (de autoridade, de linguagem e de outros aspetos sociais) diferentes do modelo de criança que existe nos manuais”. Mais tarde, a autora amplia essa ideia ao afirmar que as crianças: “[...] são sujeitos da história e da cultura [...]” (Kramer, 2006, p. 810), ou seja, são criadoras de culturas e influenciadas pela cultura, logo os saberes que trazem do meio social e cultural em que vivem devem ser valorizados. Diante disso, essa perspectiva rompe com a barreira de rigidez do aluno que deve ser ensinado, indo ao encontro da criança que experimenta a cultura em suas diversas

dimensões, incluindo conhecimento, arte e vida.

Por fim, ao refletirmos sobre o presente da infância, retomamos Abramowicz e Kramer (2023), que afirmam:

A infância não é só uma fase, ela é a vida pulsando cotidianamente, tal como a adultice, ou seja, ao viver não nos preparamos para o que virá, mas sim, para extrairmos do presente o máximo das possibilidades. O que estamos querendo afirmar é que a infância não é um dever, uma passagem ao que se será – adulto. A infância não é reparação de nada. Ela é o presente com todos os seus desafios postos. Nosso entendimento é o de que devemos atuar cotidianamente com as crianças, nos mais variados espaços institucionais, para garantir respeito, autonomia e cooperação, diferença e espaço para criar, brincadeira e a expressão da palavra, liberdade, pluralidade, autoestima. (Abramowicz; Kramer, 2023, p. 9).

Tendo como base a contribuição das autoras, podemos compreender que a infância é a vida acontecendo em sua inteireza, com todos os seus desafios e riquezas. A Educação Infantil é uma fase curta de plena existência, na qual as crianças são sujeitos de direitos e protagonistas de suas trajetórias. Elas não serão, já são! Elas pensam, agem, sentem e se relacionam com o mundo, explorando com naturalidade a curiosidade, criatividade e imaginação. Nesse sentido, valorizar a infância como tempo presente é também uma postura ética e política.

Aos adultos que hoje atuam na função de professores e mediadores dessas aprendizagens, cabe: ofertar um espaço seguro e inspirador para que as crianças possam ser crianças; assegurar que seus direitos legais sejam respeitados; e promover experiências de aprendizagens pautadas na escuta, relação com o outro, cooperação, liberdade, ludicidade, autonomia e curiosidade.

Diante do sucinto percurso apresentado é possível observar os avanços que essa etapa de ensino alcançou no Brasil. Porém, ainda existe uma distância entre a legislação e a realidade que precisa ser superada para a construção de uma Educação Infantil democrática e emancipadora. Cabe lembrar que as autoras reforçam a potência da infância ao afirmar que ela “[...]é a vida pulsando cotidianamente” (Abramowicz; Kramer, 2023, p. 9). Ter clareza sobre isso é o primeiro passo para construir uma educação verdadeiramente comprometida com a criança.



Sugestão de livro para aprofundamento

Para acessar o artigo de Abramowicz e Kramer (2023)

[CLIQUE AQUI](#)



1.2 Letramento e letramento matemático

Partindo dos estudos de Magda Soares (1998; 2018; 2022), uma das precursoras sobre os estudos relacionados ao letramento no Brasil, compreende-se que a noção de letramento está além da habilidade de codificação e decodificação da língua. Ela considera que o letramento é o “[...] resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (Soares, 1988, p. 39).

A autora propõe que o letramento diz respeito à apropriação das práticas sociais mediadas pela escrita, sendo esse processo tanto individual quanto coletivo. Para ela, letramento é o resultado da participação ativa de sujeitos em práticas sociais de leitura e escrita, em contextos reais e com finalidades sociais diversas. Assim, a escrita deixa de ser um fim em si mesma e passa a ser compreendida como instrumento de ação e de transformação cultural.

Segundo Soares (1988), o letramento possui uma dupla dimensão: a individual, ligada à capacidade de cada sujeito de usar a escrita nas interações sociais; e a social, que diz respeito ao valor que a cultura atribui às práticas de leitura e escrita e à maneira como essas práticas são estruturadas socialmente. A autora também destaca que o letramento é um “[...] fenômeno multifacetado e extremamente complexo [...]”, afirmando a impossibilidade de adoção de uma única definição que se adeque “[...] a todas as pessoas, em todos os lugares, em qualquer tempo, em qualquer contexto cultural ou político” (Soares, 1988, p. 65 e 79).

Ao ampliar a discussão sobre letramento, Magda Soares contribuiu para o reconhecimento de múltiplos significados de letramento, como o letramento escolar, religioso, midiático, familiar e digital. Esse desdobramento torna possível pensar também em outras áreas do conhecimento, como é o caso do letramento matemático, que vem ganhando destaque na literatura acadêmica, sobretudo quando se busca compreender o ensino de matemática como uma prática social e culturalmente situada.

O letramento matemático, nesse sentido, não se restringe à memorização de conteúdos ou ao domínio de procedimentos. Santos (2020, p. 97) define o letramento matemático como “[...] a ação-reflexão que preocupa-se com as diversificadas práticas socioculturais de leitura, escrita, interpretação, argumentação, visualização e raciocínio que envolvem os sujeitos no contexto escolar e fora dele”. Sendo assim, ele se configura como a capacidade de mobilizar conhecimentos matemáticos para interpretar, argumentar, resolver problemas e tomar decisões em diferentes situações do cotidiano.

A matemática deixa de ser vista apenas como um campo de saber abstrato e passa a ser reconhecida como linguagem, ou seja, como forma de representar, comunicar e compreender o mundo. Assim como ocorre com o letramento proposto por Soares (1998, 2018, 2022), o letramento matemático valoriza a inserção do sujeito em práticas reais e significativas, em que a matemática ganha sentido por estar integrada a contextos sociais diversos.

Na Educação Infantil, a lupa sobre o cotidiano revela que a matemática já vibra nas mãos, nos pés e no olhar das crianças. Antes mesmo de saberem nomear letras ou algarismos, elas alinham objetos em ordem crescente, dividem igualmente as bolinhas de gude, calculam quem “fica por último” na fila e pressentem o ritmo dos padrões que ponteiam as cantigas. São gestos de comparação, estimativa, correspondência, simetria, textos matemáticos que ganham corpo no brincar, sem depender do sistema alfabético nem da notação matemática formal.

Letramento matemático, portanto, não é antecipar conteúdos escolares: é legitimar essas leituras espontâneas como produção cultural com pleno sentido. Assim como o letramento linguístico reconhece o balbúcio como ato de linguagem, o letramento matemático afirma a criança como sujeito capaz de interpretar e transformar o mundo por meio de quantidades, formas, medidas e sequências. Cabe ao educador acender esse farol, nomear o que já está em jogo, aprofundar perguntas, abrir novas trilhas – possibilitando que a passagem do empírico ao abstrato se faça em continuidade com a vida que pulsa na sala e no pátio.



Sugestões de livros para aprofundamento



Para acessar o artigo de Santos (2020)

[CLIQUE AQUI](#)



1.3 Ensino de matemática na Educação Infantil

Ao estudar o ensino de matemática na Educação Infantil, é fundamental considerar a BNCC (Brasil, 2017), por se tratar de um documento normativo de abrangência nacional que define as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas pelos alunos da Educação Básica. Para dialogar com a BNCC (Brasil, 2017), utilizaremos o Currículo Carioca (Rio de Janeiro, 2020), que orienta as práticas pedagógicas da Educação Infantil na Rede Municipal do Rio de Janeiro.

No que se refere à Educação Infantil, ambos os documentos incorporam em sua estrutura curricular os eixos orientadores “interações” e “brincadeira”. Além de representarem ações centrais do cotidiano das crianças, também se aliam para assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento (conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se) e embasar a proposta pedagógica dessa etapa.

A BNCC (Brasil, 2017) apresenta uma estrutura curricular baseada em cinco campos de experiência, designados como: “O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e formas”; “Escuta, fala, pensamento e imaginação”; e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (Brasil, 2017). É no último campo que se concentram as experiências mais ligadas à matemática, embora outros campos também apresentem práticas que contribuam para o desenvolvimento da linguagem matemática. Essa organização é incorporada pelo Currículo Carioca (Rio de Janeiro, 2020) de forma a valorizar as vivências cotidianas e os saberes das crianças, articulando-os aos conhecimentos construídos socialmente.

Cada campo se constitui por objetivos de aprendizagem e desenvolvimento organizados em três grupos, por faixa etária. Essa divisão comporta: bebês (até 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) – sendo a última nossa faixa etária central de estudo.

No que diz respeito especificamente ao ensino de matemática, vinculado ao campo “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, a BNCC (Brasil, 2017) indica que, para as crianças de 4 a 5 anos, sejam oferecidas oportunidades de comparação entre objetos; observação de mudanças em materiais; uso de diferentes fontes de informação; registro com múltiplas linguagens (como números ou desenhos); classificação de objetos e figuras; relação entre números e quantidades; ordenação temporal e expressão de medidas com representações gráficas básicas. Já o campo “Traços, sons, cores e formas”, embora voltado prioritariamente para linguagens artísticas e sonoras, apresenta contribuições

quanto ao desenvolvimento de noções espaciais e geométricas, ao incentivar a criação de formas bidimensionais e tridimensionais e a exploração de elementos visuais e táteis. Essa articulação dos campos de experiência permite uma abordagem integrada da matemática e dos diversos conhecimento explorados na Educação Infantil.

Quanto à estrutura do Currículo Carioca (Rio de Janeiro, 2020), é dividida entre berçário, maternal e pré-escola. Cada proposta contempla um objetivo segundo a BNCC (Brasil, 2017), um objetivo interligado, um espaço intitulado “De educador para o educador” e uma imagem que ilustra a proposta “E na prática?”, destacando os campos de experiência. O documento esclarece que o objetivo interligado é composto por possíveis desdobramentos para ampliar os repertórios e as experiências das crianças trazidas por elas e pela instituição escolar. Já o espaço “De educador para o educador” destaca as sugestões de alguns profissionais da rede sobre a temática.

Entre as aproximações mais significativas entre ambos os documentos, destaca-se a valorização da matemática como uma linguagem que se constrói desde os primeiros anos de vida, em contextos reais e lúdicos. Ambas as propostas rejeitam o ensino antecipado e descontextualizado da matemática e defendem práticas que respeitem o direito da criança de aprender por meio da brincadeira, da escuta e da participação ativa.

Observa-se, no Currículo Carioca (Rio de Janeiro, 2020), um maior esforço direcionado à concretização de ações pedagógica cotidianas do que na BNCC (Brasil, 2017), porém não há uma orientação aprofundada sobre como o professor pode mobilizar os conhecimentos matemáticos em suas práticas diárias. Isso pode ocasionar uma abordagem superficial do ensino de matemática, limitando o potencial de exploração e construção de conhecimentos significativos por parte das crianças. A ausência de uma abordagem mais consistente sobre a natureza dos conceitos matemáticos e suas articulações com práticas pedagógicas concretas deixa lacunas no processo formativo do professor, comprometendo sua capacidade de lidar com esses saberes em sua máxima potencialidade.



Clique nas imagens e acesse os documentos na íntegra !



1.4 Aprendizagem matemática na infância: explorando o pensar com sentido e leveza

Um atributo essencial que o professor de Educação Infantil deve ter para exercer com maestria sua função é ser fomentador de propostas instigadoras e motivadoras para os seus alunos. Apesar da criança ser naturalmente curiosa, seu tempo de atenção só se mantém em uma determinada ação se ela for envolvida por diferentes sensações, aproximações ou motivações no que está sendo vivenciado.

A Educação Infantil é uma etapa de vida propícia para o desenvolvimento do pensamento lógico por seu caráter de acolhimento da flexibilidade, leveza, curiosidade, criatividade e descoberta. Nesse sentido, cabe-nos refletir sobre a seleção dos conhecimentos matemáticos apresentados nessa etapa.

Segundo Lorenzato (2018, p. 8) devem ser explorados “[...] os processos mentais básicos, as habilidades espaciais, e os sentidos numérico, topológico, espacial e de medida [...]”. O autor, se aproxima do conceito de letramento matemático apesar de não utilizar o termo explicitamente, direcionando-se às especificidades infantis. Para ele, o sentido matemático infantil inclui a “[...] organização de situações que permitam à criança observar, refletir, interpretar, levantar hipóteses, procurar e encontrar situações ou soluções, exprimir ideias e sentimentos, conviver com os colegas, explorar melhor o seu corpo[...]” (Lorenzato, 2018, p. 23). Percebemos uma intencionalidade traduzida em ações conectadas com a prática social.

Além do que já foi apresentado, o autor ainda destaca que, para que a criança construa significados no ambiente escolar, é necessário possibilitar diversas e diferentes situações e experiências inseridas no mundo de quem irá construir sua aprendizagem. As retomadas em circunstâncias variadas são essenciais, permitindo que a criança revise o que observou até que essa vivência se consolide como aprendizagem evidente.

A estruturação das SDs propostas se inspira nos sete processos mentais básicos para a exploração matemática apresentados por Lorenzato (2018), são eles: correspondência (percepção da relação “um a um”); comparação (estabelecer diferenças ou semelhanças); classificação (separação em categorias de acordo com a comparação); sequenciação (ato de fazer suceder a cada elemento um outro sem considerar a relação de ordem entre eles); seriação (ação de ordenamento de sequência considerando um critério); inclusão (ato de fazer abranger um conjunto por outro) e conservação (perceber que a quantidade independe da forma, posição ou arrumação).

Para ilustrar esses processos mentais destacamos sugestões de propostas que podem ser utilizadas de acordo com cada um deles.

- 1) Correspondência: jogo da memória; encontro de pares;
- 2) Comparação: jogo dos sete erros;
- 3) Classificação: organização de blocos lógicos por formas geométricas;
- 4) Sequenciação: enfileiramento de dominó;
- 5) Seriação: sequenciar uma história em cenas ou números;
- 6) Inclusão: encontre o impostor – apresentar diversos objetos e solicitar às crianças que observem os que não fazem parte do grupo majoritário;
- 7) Conservação: construções diferentes com as mesmas quantidades de elementos.

As noções (grande/pequeno; mais/menos; em cima/embaixo, entre outros) que estão atreladas aos processos mentais do campo matemático (espaço, número e medida) devem estabelecer uma relação com os conceitos físico-matemáticos, como: tamanho/lugar/distância/forma; quantidade/número/capacidade/tempo; posição/medição/operação/direção; volume/comprimento/massa.

Nessa etapa da infância, a matemática é mais visual e o uso de materiais manipulativos contribui para que as crianças compreendam alguns conceitos de uma forma concreta. Os recursos concretos manipuláveis favorecem a experimentação e a aprendizagem ativa, possibilitando a construção de relações que servem como base para o raciocínio lógico e a abstração.

Ao compreender as ideias matemáticas a partir de experiências reais, a aprendizagem se torna mais acessível, prazerosa e efetiva. Munson, Williams e Boaler (2023) destacam que os alunos

[...] precisam criar, desenhar e construir matemática fisicamente para desenvolver uma compreensão profunda do que os conceitos representam e significam. Precisam interagir com a matemática, manipular as representações para formular e investigar as perguntas (Munson; Williams e Boaler, 2023, p. 17).

Nesse sentido, é importante reconhecer que o trabalho com a matemática na Educação Infantil exige intencionalidade, sensibilidade e conhecimento sobre o desenvolvimento infantil. Não cabe antecipar o ensino-aprendizagem da linguagem matemática, mas garantir que as crianças tenham acesso a situações que desafiem seu pensamento, sempre em ambientes lúdicos, afetivos e culturalmente significativos. O brincar, o conversar, o explorar e o descobrir são caminhos legítimos para que, com leveza, a criança construa sentidos sobre o mundo – inclusive sobre o mundo matemático.



Sugestão de livro para aprofundamento



1.5 Conexões matemáticas com a literatura infantil

É possível aprender matemática ouvindo histórias? A matemática e a literatura infantil, à primeira vista, podem parecer pertencentes a campos distintos do conhecimento. Enquanto a matemática é comumente associada à lógica e à precisão, a literatura é vista como o território da imaginação e da subjetividade. No entanto, ao observarmos com mais atenção as práticas cotidianas na Educação Infantil, percebemos que essas duas linguagens se apresentam de forma potente e criativa, abrindo caminhos para novas aprendizagens.

Smole (2000) destaca que, ao integrar a literatura infantil às propostas matemáticas, o professor cria oportunidades para que as crianças se aproximem da linguagem matemática de forma mais natural. Essa integração favorece a construção de sentidos ao conectar a linguagem do cotidiano com conceitos matemáticos presentes nas histórias e situações vividas.

Nesse sentido, a autora observa ainda que a escola, por vezes, estabelece uma separação entre a linguagem matemática e a linguagem usual/materna, o que pode dificultar a compreensão dos alunos. Além disso, em contextos escolares, elementos como o faz de conta, o lúdico e o imaginário muitas vezes são desvalorizados nas aulas de matemática, sendo vistos como incompatíveis com o raciocínio lógico. No entanto, na Educação Infantil, as histórias infantis, presentes na literatura, podem atuar como um recurso pedagógico que ajuda a diminuir esse distanciamento, possibilitando que as crianças estabeleçam relações entre a linguagem que dominam, a linguagem matemática e suas experiências do mundo.

Falar sobre a literatura é também mergulhar no mundo da leitura e suas singularidades. Smole (2000) e Cosson (2016) destacam que a leitura vai além da codificação e decodificação de códigos, sendo um ato de construção de sentido na interação entre leitor e texto. Essa construção pode ser considerada um processo dinâmico que envolve o pensamento e a linguagem, abrindo amplas possibilidades de relação com o mundo, compreensão da realidade e formação cultural do indivíduo.

Diante disso, antes de propor atividades que envolvam diretamente os conhecimentos matemáticos, é fundamental garantir que as crianças estejam imersas no universo simbólico da narrativa. A literatura deve ser explorada como ponto de partida, pois é a partir dela que se constroem vínculos afetivos, ativam-se memórias, despertam-se curiosidades e se abrem caminhos para o pensamento.

Para a exploração da literatura nos pautamos metodologia de sequência básica apresentada por Cosson (2016), que destaca a importância de quatro etapas para o letramento literário — motivação, introdução, leitura e interpretação — apontando

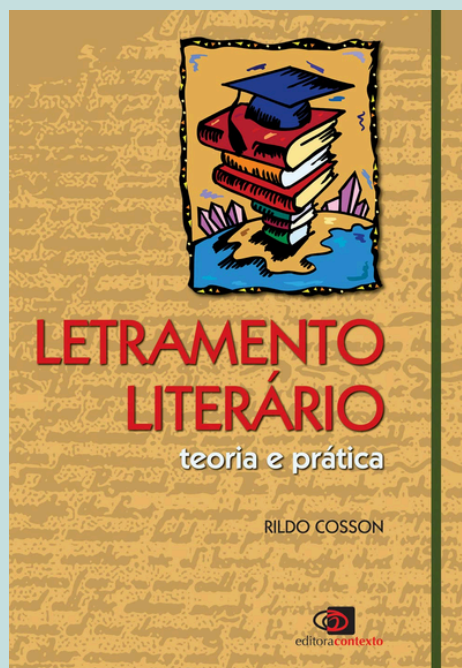
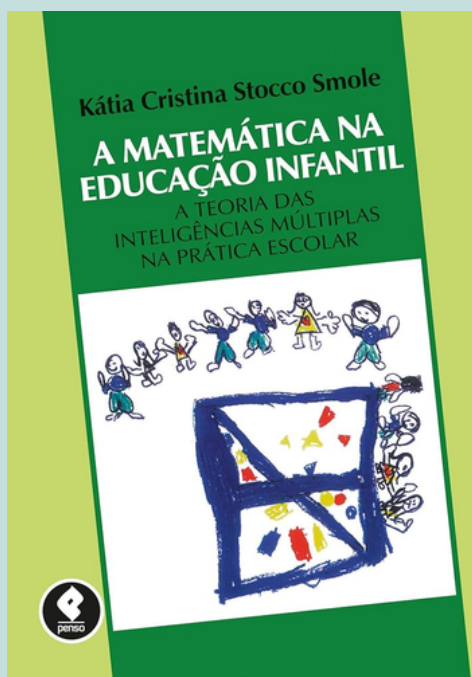
a centralidade do sentido do texto. A motivação visa despertar o interesse dos alunos, muitas vezes através de atividades lúdicas e criativas que estabelecem uma conexão inicial que possibilita ao leitor o engajamento com o sentido da obra. A introdução foca em apresentar o autor e a obra de forma concisa, destacando elementos paratextuais e evitando detalhes biográficos excessivos para que o leitor receba a obra de forma favorável.

A etapa de leitura enfatiza a importância do acompanhamento do professor, especialmente em textos extensos, para auxiliar os alunos e discutir o progresso considerando a importância da experiência estética e a forma como a história é contada, e não focalizando apenas o seu conteúdo factual ou o seu desfecho. Por fim, a interpretação distingue um momento interno, de apreensão individual da obra, e um momento externo, que se concretiza no compartilhamento e registro das compreensões em comunidade, propondo diversas atividades para a externalização do sentido. Ou seja, nessa etapa pretende-se oportunizar a construção do sentido do texto de forma individual e compartilhada.

Na construção da sequência didática, as etapas de Cosson (2016) foram adaptadas ao público infantil para respeitar o propósito do texto literário. Após a exposição literária, é possível explorar as conexões entre a literatura infantil e o letramento matemático de acordo com os objetivos traçados.



Sugestões de livros para aprofundamento



1.6 Sequência didática

A sequência didática (SD) é um recurso metodológico muito utilizado no processo de ensino-aprendizagem. Zabala (1998, p. 16) destaca que as SDs “[...] são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática”. Elas permitem refletir sobre as intervenções realizadas considerando não apenas as ações em si, mas o papel que cada atividade desempenha na construção de conhecimento, diante dos seus objetivos específicos. Em vista disso, é uma metodologia que colabora para a avaliação da pertinência das propostas, para a identificação de lacunas ou excessos, possibilitando ajustes a cada etapa do processo de ensino e aprendizagem.

As SDs estruturam o trabalho pedagógico por meio de atividades organizadas de forma lógica e interligada, compondo unidades de ensino coerentes. Essa organização se destaca por permitir a distinção entre diferentes abordagens metodológicas, não apenas pelo tipo de atividade, mas pela forma como essas ações abrangem diferentes formas de ensinar e se conectam ao longo do tempo.

Ainda segundo Zabala (1998), a sequência escolhida influencia diretamente a natureza do processo de ensino, podendo ser mais centrada na exposição de conteúdos, na manipulação de materiais, na recepção de informações ou na descoberta ativa por parte do aluno. Sendo assim, o modelo das SDs pode variar significativamente em sua complexidade para atender aos seus interesses.

Para a construção das SDs do PE apresentado, utilizamos a abordagem inspirada no Estudo do Meio como ponto de partida, realizando as adaptações que consideramos necessárias para o público da pré-escola. Segundo Zabala (1998), essa abordagem surgiu com base na tradição do “tateio experimental” de Freinet, a partir do Movimento de Cooperazione Educativa (MCE) da Itália. O autor defende que a aprendizagem é um processo natural de investigação ativa por parte da criança, que traz para a escola uma vasta quantidade de conhecimentos intuitivos.

Zabala (1998) apresenta sete fases para a construção de uma SD; elas incluem: 1) atividade motivadora; 2) explicação das perguntas ou problemas; 3) respostas intuitivas ou “hipóteses”; 4) seleção e esboço das fontes de informação e planejamento da investigação; 5) coleta, seleção e classificação dos dados; 6) generalização das conclusões; e 7) expressão e comunicação.

O autor explica que, na atividade motivadora, a proposta inicial é colocar os alunos diante de situações que se aproximem de suas próprias vivências e despertem o seu interesse pela aprendizagem. Quanto à fase da explicação das perguntas ou problemas que articularão as intervenções da SD, acrescentamos: por se tratar de crianças pequenas, é importante que o professor, além de escutar as ideias, seja um mediador com problematizações oportunas para que os alunos

ampliem suas reflexões. Quanto às respostas intuitivas ou “hipóteses”, os alunos são incentivados a expressar ideias prévias, mesmo que incorretas, pois isso contribui para identificar suas concepções iniciais e antecipar estratégias que poderão usar nas investigações.

Já na seleção e esboço das fontes de informação e planejamento da investigação, almeja-se que a busca por conclusões verdadeiras seja rigorosa. Por isso, as atividades de busca de informação e os instrumentos a serem utilizados são claramente definidos e planejados. Nessa etapa, consideramos que o processo de construção do pensamento investigativo de forma prazerosa e lúdica para a Educação Infantil é mais importante do que a rigorosidade para a obtenção de resultado. Não descartamos a etapa, mas a exploramos com mais flexibilidade e leveza na construção das nossas SDs.

Quanto à coleta de dados, os alunos reúnem informações relevantes, selecionam e organizam os dados para responder as indagações existentes. O autor explica que a fase de coleta, seleção e classificação dos dados comunica os resultados por meio de diferentes formas de expressão, registrando o percurso em materiais que contribuem para a sistematização da aprendizagem. Na Educação Infantil, a linguagem oral, o desenho e os registros fotográficos são instrumentos que podem ser utilizados.

Segunda Zabala (1998) a generalização das conclusões confrontam ou fortalecem as hipóteses iniciais das crianças, ampliando o conhecimento de forma que possa ser aplicado em novos contextos. Por fim, por meio da expressão e comunicação, os alunos compartilham os resultados de suas pesquisas com diferentes públicos, utilizando variadas formas de apresentação. Além disso, registram o que foi produzido em materiais individuais, que ajudam na organização e retomada do que foi aprendido. A adaptação nessa etapa consiste na produção coletiva da pesquisa.

Para a estruturação das três SDs deste PE, inspiramo-nos na integralidade das seguintes fases apresentadas pelo autor: atividade motivadora; explicação das perguntas ou problemas; respostas intuitivas ou “hipóteses”. As demais fases flexibilizamos para atender as necessidades do público-alvo. Cabe destacar que não utilizamos nomenclatura quanto às fases.

A clareza na organização das sequências permite que o professor proponha experiências significativas, respeitando o ritmo das crianças e os direitos de aprendizagem previstos nos documentos curriculares. Logo, essa metodologia contribui para uma prática educativa mais coerente e fundamentada.



UNIDADE 1

ALÉM DOS NÚMEROS CARDINAIS E ORDINAIS

Figura 1: Capa do livro
“É um, é dois, é três”



Fonte: Dante, 2023.

O livro conta a história dos números 1, 2 e 3, que viviam sozinhos achando que um era mais importante do que o outro. Esse pensamento de autossuficiência é desconstruído quando descobrem que, juntos, poderiam fazer muitas coisas legais. A narrativa explora os conhecimentos matemáticos em diferentes contextos que se aproximam do universo infantil, dialogando com parlendas, histórias, trava-línguas, composição de cores, brincadeiras de roda, artes plásticas e outros. Além disso, são fortalecidos valores quanto à amizade, ao respeito e à união.

Por que escolhemos esse livro?

Selecionamos o livro “É um, é dois, é três”, do autor Luiz Roberto Dante, por observar ricas possibilidades de exploração do letramento matemático articulado à literatura a partir do texto e das suas ilustrações. Por mais que o título do livro aparentemente direcione para o trabalho com números, a sua construção não está direcionada unicamente a esse aspecto.

CONHECENDO O AUTOR



Luiz Roberto Dante

Especialista em Educação Matemática, com uma trajetória acadêmica e profissional que une matemática, psicologia e ensino. Possui experiência em formação docente e produção de materiais didáticos. Também já atuou em instituições de referência no Brasil e na América Latina, sempre buscando aproximar o conhecimento matemático da realidade dos educadores e estudantes.

SIGA O AUTOR NAS REDES SOCIAIS



[CLIQUE AQUI](#)

CONHECENDO A ILUSTRADORA



Paula Kranz

Construiu uma trajetória criativa inspirada pela maternidade e pela literatura infantil. Com mais de treze anos de atuação no mercado editorial, Paula tem dedicado a maior parte de sua carreira à literatura infantil. Suas ilustrações no estilo lápis de cor e traços delicados se destacam por sua naturalidade e sensibilidade estética ao se comunicar com as crianças. Seus desenhos trazem movimento, cores sutis e formas que evocam o brincar, a curiosidade e os pequenos encantamentos da infância.

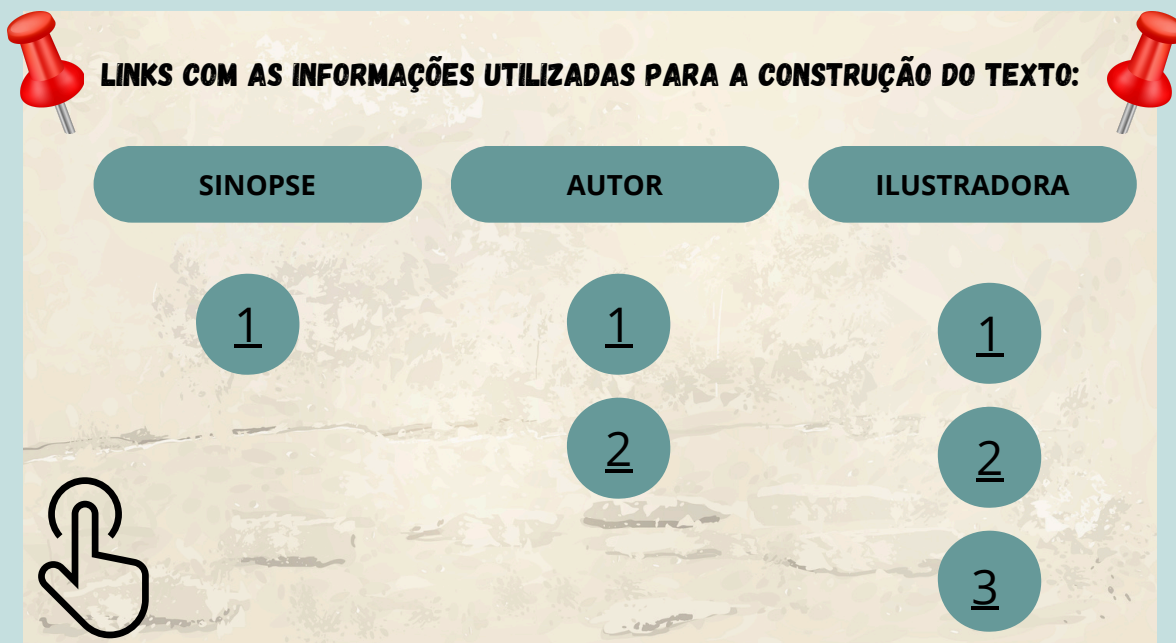
ESPIE E CONHEÇA MAIS SOBRE PAULA



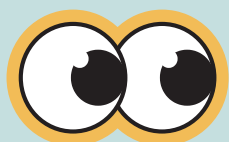
[PAULA](#)



[CLIQUE AQUI](#)



Observação: Para acessar alguns *links* é necessário fazer um cadastro.



Atenção professor! Fica a dica!



A contação de histórias deve ser uma prática diária na Educação Infantil. Infelizmente, nem todas as crianças têm acesso a um acervo literário amplo em seu ambiente familiar, sendo assim, cabe ao espaço educacional ser uma ponte para despertar o encantamento das crianças pela literatura.

Relato da professora Sheyla “Ao observar o distanciamento das minhas crianças no momento da história, criei um calendário do mês gigante, em cartolina, e apresentei para a turma como o nosso calendário de histórias. Todo dia eu conto uma história e, após a fruição da leitura, sorteio uma criança para ilustrar o momento que desejar da história. Esse registro é colado no calendário que fica exposto na sala. Combinei com as crianças que “a latinha só sorteia crianças que prestam muita atenção na história porque ela quer ver um registro lindo!”

O sorteio é realizado através de fotos do rosto das crianças, que ficam dentro de uma lata. A foto da criança que foi sorteada é retirada temporariamente da lata para que as demais crianças tenham a oportunidade de ser sorteadas. Dessa forma, percebi que as crianças se envolveram mais com esse momento.

Fotografia 1 – Aluna fazendo registro no calendário.



Fonte: acervo pessoal das autoras (2025).

Organização estrutural da sequência didática

Tema da unidade 1 : Além dos números cardinais e ordinais

Propostas gerais de ensino-aprendizagem da sequência:

- Desenvolver o prazer pela leitura e perceber a importância dos elementos pré-textuais presentes em uma obra literária.
- Observar a relação existente entre literatura e matemática.
- Despertar o interesse investigativo sobre os números em diferentes contextos sociais.
- Pensar sobre a função dos números no cotidiano.
- Relacionar os números às quantidades.
- Promover o pensamento sobre estimativa.
- Apresentar a sequência numérica.
- Promover a interação e cooperação entre as crianças através do trabalho colaborativo em pequenos grupos.
- Ressignificar o espírito de competição quanto às colocações de primeiro, segundo e terceiro lugar.
- Aproximar a matemática da arte plástica.

Recursos materiais:

- livro *É um, é dois, é três* de Luiz Roberto Dante;
- folhas A4;
- cartolina;
- canetinhas coloridas, lápis de cor, giz de cera;
- lápis de escrever;
- materiais artísticos (glitter, adesivos);
- caixa decorada com números dentro;
- caixas para o pódio;
- post-it;
- régua;
- objetos diversificados na sala;
- potes de diferentes tamanhos;
- fita adesiva;
- grampeador e grampos;
- números recortados em papéis coloridos;
- fotos das atividades;
- barbante;
- imagens da obra “Floresta dos Números”, da artista e de *emojis*.

Tempo de duração aproximado: é indicado que cada proposta seja realizada em 30 a 50 minutos, no máximo, respeitando o tempo de concentração das crianças.

Organização da turma: a turma será organizada de forma coletiva ou em grupos de 4 a 5 alunos para a realização das propostas. Outras formas de organização podem ser utilizadas pelo docente conforme a sua realidade. Com o intuito de facilitar a identificação da organização da turma, colocamos ícones indicativos ao lado esquerdo de cada proposta. Abaixo a legenda.



INDIVIDUAL



PEQUENOS GRUPOS



COLETIVO

Introdução: a sequência iniciará com as crianças sentadas em roda para apreciação e fruição da literatura.

Desenvolvimento: serão apresentadas propostas de explorações relacionadas ao letramento matemático, vinculadas aos objetivos da BNCC (Brasil, 2017) e aos objetivos de trabalho docente criados pelas autoras. Ressaltamos que os objetivos segundo a BNCC, em alguns casos, não foram utilizados em sua integridade, pois não se relacionavam diretamente à proposta articulada. Os momentos foram pensados de acordo com a continuidade da temática proposta. Caso seja necessário, é possível subdividi-los para a exploração mais proveitosa da proposta de acordo com a especificidade da turma. As propostas voltadas para a exploração literária (motivação, introdução, leitura e interpretação) serão realizadas de maneira coletiva. As perguntas são apresentadas como um recurso de inspiração para o docente, sem a necessidade de serem utilizadas em sua totalidade ou de forma obrigatória.

Avaliação: ocorrerá por meio da construção de legendas sobre as propostas e da observação do docente em relação aos diálogos levantados pelas crianças em suas interações. Sugerimos que esse momento seja dividido em duas etapas, para que as crianças tenham uma lembrança mais recente das propostas. Além disso, a avaliação pode ser construída em outros formatos, valorizando, assim, a autoria do docente. Explicaremos com mais detalhes o processo de avaliação no 8º momento da sequência.

1º MOMENTO: exploração literária

Campo de experiência da BNCC – ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral.

Objetivo de trabalho docente: apresentar o livro, para oportunizar um momento de fruição e diálogos sobre a leitura.



Motivação: para estimular a curiosidade do que será lido, apresentar para a turma uma caixa surpresa contendo os números 1, 2 e 3, na qual as crianças deverão colocar as mãos e descobrir o que tem dentro. Após o diálogo com as crianças sobre suas hipóteses, comunicar que a resposta que revelará o mistério da caixa está dentro do livro.

Fotografia 2 – Registro da construção do mapa mental.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).



Introdução: apresentação da capa, do autor e das características principais do livro antes do momento da contação da história. Possibilidades de perguntas:

- “Vocês sabem para que serve a capa do livro?”
- “O que são um autor e um ilustrador de livros?”
- “Vocês acham que esses profissionais são importantes? Por quê?”
- “Como seria um livro sem capa? E sem ilustração? Sem autor?”

Ao falar sobre o autor e a ilustradora, é importante apresentar suas fotos para que as crianças visualizem concretamente quem são. Ao explorar a capa, é possível trazer livros que estejam sem capa para a reflexão sobre o uso adequado desse recurso. Quanto à ênfase na escrita, apresentar livros que só contenham textos e outros que a construção da narrativa seja apresentada somente através das imagens. Chamar a atenção para a diversidade desses elementos. Aproximar as crianças do livro que será apresentado e ampliar o seu interesse pela leitura, pois assim elas descobrem diferentes formas de ler.



Leitura: reunir as crianças em roda e fazer a leitura.



Interpretação: instigar as crianças a conversarem sobre o que entenderam a respeito da história. Possibilidades de perguntas:

- “O que vocês entenderam sobre a história?”
- “O que mais chamou a sua atenção?”
- “Gostaram ou não gostaram?”
- “Alguém descobriu o mistério da caixa?”

Retomar a investigação realizada na motivação. Antes de revelar o mistério, construir coletivamente um mapa mental com as suas hipóteses das crianças sobre o que tem dentro da caixa.

2º MOMENTO: função social dos números

Campo de experiência da BNCC – ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.

Objetivo de trabalho docente: despertar o interesse de investigação em relação à existência dos números em diferentes ambientes, sua importância e função.



1. Retomada literária: reler ou relembrar a história.



2. Discussão e exploração da função social dos números: conversar sobre a narrativa da história. Possibilidades de perguntas:

- “O que são números?”
- “Para que eles servem?”

- “Quais são os números?”
- “Onde vocês já viram os números?”
- “Como podemos usá-los no dia a dia?”

Registrar as respostas das crianças em um bloco.



3. Reflexões corporais numéricas (possibilidades de perguntas):

- “Em qual parte do nosso corpo tem uma coisa só?”
- “E duas coisas iguais? E três?”
- “Existe alguma parte do nosso corpo com três coisas iguais?”
- “Existe alguma parte com mais de três?”
- “E na história, quais números aparecem?”

3º MOMENTO: contagem e quantidade

Campo de experiência da BNCC – ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03ET07) Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência [...].

Objetivo de trabalho docente: ampliar a compreensão das crianças sobre a relação entre número e quantidade por meio de desafios lúdicos e registro numérico.



1. Retomada literária: nesse momento, é interessante realizar uma contação participativa, na qual são apresentadas as imagens às crianças e elas contam a história.



2. Desafio da quantidade: instigar as crianças a participar da brincadeira para vencer o desafio. Utilizar um tom de voz que atraia as crianças e faça um certo suspense. Possibilidades de perguntas:

- “Agora eu quero saber se vocês sabem! O que temos em uma, duas, três coisas (quantidades) aqui na sala?”
- “Vamos pegar três objetos que têm na sala?”
- “Agora eu quero quatro!”

É possível ampliar as quantidades propostas conforme o interesse da turma.



3. Desafio numérico: dividir anteriormente folhas de papel em quatro partes e entregá-las com lápis de escrever individualmente para cada criança. Explicar para as crianças que eles participarão de um desafio numérico e, em cada retângulo, eles deverão registrar a resolução do desafio. Possibilidades de perguntas:

- “Vamos registrar quantas borrachas têm na sala?”
- “Quantos ventiladores?”
- “Agora quantas portas?”
- “E quantos armários?”

Nessa proposta, a intenção é verificar se as crianças estão na fase de representar as quantidades através do desenho ou do registro numérico.

Fotografia 3 – Registro das produções resultantes do 3º momento.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

4º MOMENTO: vamos estimar?

Campo de experiência da BNCC – ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.

Objetivo de trabalho docente: incentivar as hipóteses de estimativas, de comparação entre números e medidas, observando as relações de aproximação e distanciamento referentes às quantidades.



1. Retomada literária: reler ou lembrar a história.



2. Estimando as páginas do livro: mostrar a espessura do conjunto de folhas do livro para a visualização antes da estimativa. Entregar *post-it* e pedir para as crianças registrarem o número de folhas do livro para o desafio. O professor deve atuar como mediador desse registro para as crianças que precisarem de auxílio.



3. Comparação de estimativas: realizar a contagem das folhas com a turma e registrar o número em um *post-it* diferenciado. Comparar o palpite sobre os números de folhas registrados pelas crianças. Possibilidades de perguntas:

- “Alguém acertou a quantidade exata (certinha)?”
- “Quem chutou o maior número de folhas? E o menor?”
- “Tiveram palpites iguais?”
- “Quem chegou mais perto (se aproximou) da quantidade de folhas?”
- “Quem ficou mais longe (se distanciou)?”



4. Instrumento de medida (régua): apresentar uma régua ou desenhá-la em tamanho ampliado. Perguntar se as crianças conhecem o objeto e sabem para que ele serve. A partir de suas hipóteses, fazer uma breve explanação sobre o instrumento de medida. Colocar o resultado do número correspondente de folhas na localização numérica da régua. Instigar as crianças a pensarem sobre os números próximos ao resultado observando a distância entre os números. Retomar as perguntas norteadoras explorando o apoio visual da régua.



5. Estimando quantidades: apresentar potes transparente com diferentes quantidades de objetos e solicitar que as crianças estimem oralmente suas quantidades. Ao final verificar o quantitativo de cada pote.

Observação: caso o docente deseje pode ser feito o registro das hipóteses para a comparação posterior dos resultados.

Fotografia 4 – Registro dos potes utilizados na atividade “Estimando quantidades” da unidade 1.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

5º MOMENTO: pódio compartilhado

Campo de experiência da BNCC – O EU, O OUTRO E O NÓS

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.

(EI02EO01) Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.

Objetivos de trabalho docente: favorecer a compreensão da contagem e da ordenação numérica por meio de brincadeiras cooperativas, incentivando o respeito, a solidariedade e a valorização das conquistas individuais e coletivas.



1. Pódio colaborativo: em uma caixa, colocar os números 1, 2 e 3. As crianças serão agrupadas em três grupos conforme a numeração que sortearam. A brincadeira consistirá na dança das cadeiras por equipes. A criança que ficar até o final da brincadeira ganha junto com a sua equipe. Se os finalistas forem da mesma equipe, o docente deve problematizar a situação com as crianças. Possibilidades de perguntas:

- “O João e a Maria que são da mesma equipe ficaram até o final da brincadeira. Então, qual foi a equipe que ficou em primeiro lugar?”
- “E a que ficou em segundo? E em terceiro?”



2. Construindo um pódio: retomar a parte da história que faz referência à exploração do pódio e incentivar as crianças a construírem um pódio de 1º, 2º e 3º lugar em equipes. Problematicar a reflexão sobre a diferença da função da contagem e ordenação dos números 1, 2 e 3. Possibilidades de perguntas:

- “O que significam as palavras ‘primeiro’, ‘segundo’ e ‘terceiro’?”
- “Como podemos construir um pódio?”
- “Que materiais temos?”
- “Podemos desenhar as equipes no pódio?”

É importante oferecer caixas que demarquem visualmente as posições (1º lugar do pódio caixa mais alta, o 2º, caixa média, e 3º, caixa pequena). O pódio será representativo para brincadeiras simbólicas.

Figura 2 – Problematização da narrativa sobre o 1º, 2º e 3º lugar.



(Dante, 2023, p. 6)

Fotografia 5 – Registro da tentativa de organização das caixas para a montagem do pódio.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

Fotografia 6 – Registro do pódio finalizado com o posicionamento adequado referente ao resultado da dança das cadeiras organizado pela professora-pesquisadora.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).



3. Ordem na fila: dividir a turma em trios ou quartetos e solicitar que eles façam várias filas contendo três ou quatro crianças. Ao sinal, os alunos deverão mudar a sua posição na fila. Possibilidades de perguntas:

- “Quem está sendo o primeiro da fila? Agora vamos trocar o primeiro, vai para o segundo e o segundo para o terceiro lugar!
- “Quem gosta de sempre ser o primeiro? Mas é possível ser sempre o primeiro em todas as situações? E os outros amigos, nunca serão os primeiros? Você gostaria de nunca ser o primeiro da fila, por exemplo?

6º MOMENTO: números em contexto

Campo de experiência da BNCC – ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.

Objetivos de trabalho docente: observar os elementos de construção textual de um livro para a construção cooperativa e coletiva de uma obra adaptada, voltada para o sistema de numeração.



1. Retomada literária: relembrar a história com o livro ou oralmente.



2. Pesquisadores de números na escola: convidar as crianças a caminhar pelos espaços da escola para procurar os números e registrá-los em um papel. Nesse trajeto, é importante dialogar com as crianças sobre a função do número nesse determinado local.



3. Livro com registros numéricos e quantitativos: criar um livro coletivo com os números e as quantidades de coisas/objetos presentes na escola ou na sala com os números com que os alunos se sentem confortáveis de trabalhar. Dividir as crianças em grupos de dois ou três e as deixar responsáveis pela construção de uma página. Aqui também é possível apresentar um livro de contagem para que as crianças tenham um outro suporte. Resumidamente, esse livro tem como objetivo apresentar para as crianças a sequência numérica e o conceito de quantidade de maneira lúdica. Ao folhear o livro,

chamar a atenção para a capa, a sequência numérica das páginas, os autores e ilustradores ao final. Por se tratar de um livro coletivo, é importante que as crianças escrevam seus nomes e façam um registro de sua imagem.

Possibilidades de perguntas:

- “O que temos com a ‘quantidade um’ aqui na sala?”
- “E com duas quantidades?”
- “A primeira página do livro, qual é o nome que ela tem?”
- “Onde podemos colocar os autores e ilustradores? Quem são eles?”
- “Como podemos organizar a sequência do livro para as outras pessoas entenderem a nossa história?”

Observação: a escolha da sala como primeiro ambiente se deve ao fato de as crianças terem mais familiaridade com os objetos existentes nela, o que facilita a contagem e escolha dos elementos.

Fotografia 7 – Registros numéricos e desenhos das quantidades correspondentes.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

7º MOMENTO: arte com números

Campo de experiência da BNCC – TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

Objetivo de trabalho docente: perceber quais números estão presentes na arte.

 1. Apresentação da obra: mostrar imagens de diferentes ângulos da obra de Emmanuelle Moureaux, “Floresta dos Números”. Possibilidades de perguntas:

- “O que as imagens apresentam?”
- “O que vocês sentem ao ver as imagens?”
- “Como acham que foi construída essa imagem?”

Entre outras perguntas que possibilitem um diálogo, interação, ampliação e reflexão sobre o tema.

 2. Releitura da obra: explicar que é uma obra de arte e apresentar a artista. Propor uma atividade artística, na qual as crianças receberão os números recortados para criarem coletivamente a obra de arte da turma.

 3. Apresentação e exposição: cada criança ou grupo colaborativo apresentará a sua obra para a classe, explicando suas escolhas de decoração. Montar um mural ou exposição com as crianças para que elas possam apresentar suas obras de arte para outras turmas da escola.

Fotografia 8 – Registro da releitura da obra “Floresta dos números”.



CONHECENDO A ARTISTA

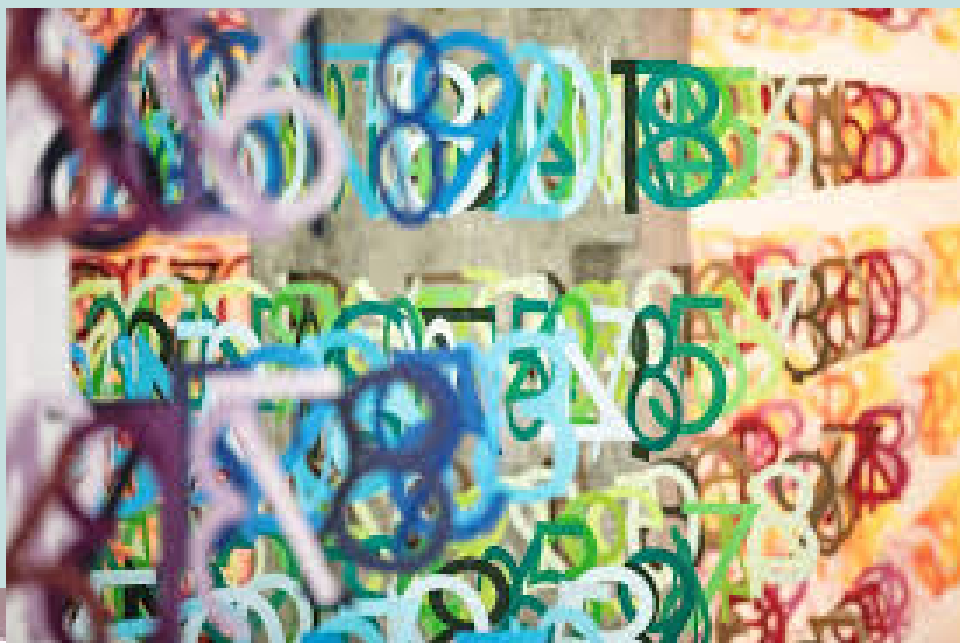


Nascida em 1971, França. Emmanuelle Moureaux é uma arquiteta francesa que vive em Tóquio desde 1996, onde fundou a "arquitetura + design Emmanuelle Moureaux" em 2003.



Ela criou o conceito de *shikiri*, que significa literalmente "dividir (criar) espaço com cores".





CLIQUE NOS LINKS ABAIXO E SAIBA MAIS!!!!



[Tour Virtual](#)



[Processo criativo
e a obra.](#)



[Mais sobre
Emmanuelle Moureaux](#)



8º MOMENTO: avaliação

Sugerimos que a avaliação seja dividida em duas etapas.

1ª etapa: organizar os cantos da sala com as atividades realizadas durante o 1º, 2º, 3º e 4º momento (“exploração literária”, “função social dos números”, “contagem e quantidade” e “vamos estimar?”), ao longo dos encontros. Solicitar que as crianças se dirijam para o canto referente à atividade que mais gostaram de realizar.

Observação: os cantos podem ser organizados com fotos, objetos ou atividades que representem de forma concreta as propostas.

2ª etapa: apresentar fotos referente aos 5º, 6º e 7º momentos (“pódio compartilhado”, “números em contexto” e “arte com números”). Entregar um emoji (Figura 3) e pedir para cada criança colar na proposta que mais gostou. Escrever coletivamente uma legenda para a foto mais votada.

Possibilidades de perguntas:

- “Vocês sabem o que é legenda?”
- “O que podemos escrever sobre essa foto que vocês escolheram?”

Escutar as informações apresentadas pelo grupo. Explicar que existem diferentes tipos de legendas, mas o que será priorizado na atividade está voltado para o registro escrito, que tenta explicar o que aconteceu nas fotos para as pessoas que não participaram desse momento.

Observação: ao final da construção da legenda é interessante chamar alguém que não estava presente em sua elaboração para lê-la. Assim, as crianças observarão na prática a sua função social da legenda.

Figura 3 – rosto sorridente com olhos de coração.



Fonte: Canva, 2025.



UNIDADE 2

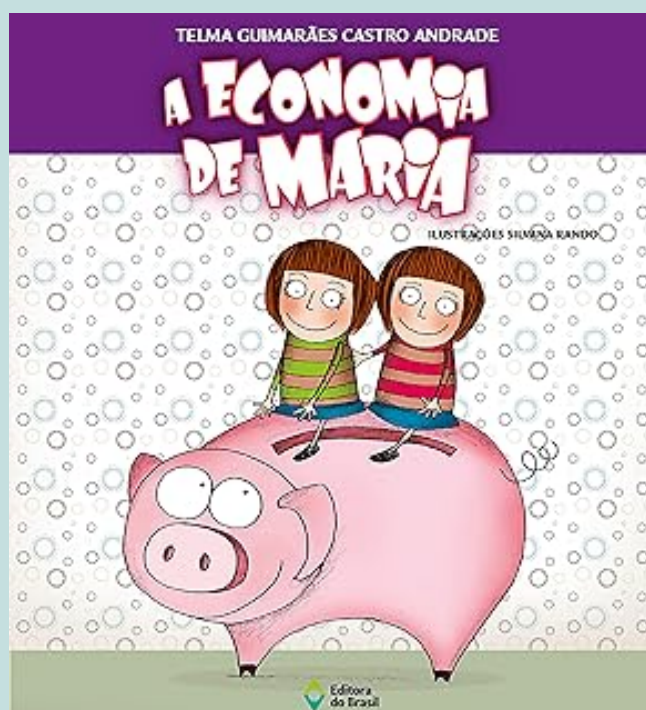
SISTEMA MONETÁRIO: CONSTRUINDO VALORES

Por que dois livros?

Nessa sequência optamos por apresentar dois livros que dialogam sobre a temática dinheiro a partir do mesmo objeto (cofre), mas de perspectivas diferentes. Enquanto “A economia de Maria” destaca situações cotidianas, nas quais as personagens precisam aprender a lidar com suas escolhas, limites e prioridades, o livro “O cofre do João” traz uma reflexão sobre a importância de se acumular riquezas, mas transborda ao abrir espaço para discutir valores que ultrapassam a materialidade do dinheiro, como amizade, afeto e solidariedade. Essa SD tem por objetivo abarcar diferentes tipos de valores e problematizar isso com as crianças. Não temos como foco investir em um trabalho sobre o letramento financeiro. Sendo assim, os livros contribuem para o letramento matemático e para o despertar de uma visão crítica inicial na criança a respeito do dinheiro na vida em sociedade, considerando as dimensões da experiência humana em seu aspecto afetivo, social e cultural na primeira infância.

PRIMEIRO LIVRO

Figura 4: Capa do livro
“A economia de Maria”



(Andrade, 2010)

O livro conta a história de duas irmãs gêmeas em que cada uma ganha seu cofrinho. Uma gosta de economizar e a outra adora gastar o seu dinheiro com tudo o que encontra de interessante pela frente. A narrativa apresenta reflexões sobre utilizar o dinheiro de forma equilibrada e consciente, principalmente quando se trata de uma ação que transbordará em amor e afeto para com o outro.

Por que escolhemos esse livro?

Selecionamos o livro “A economia de Maria” por observarmos uma potencialidade quanto à temática da educação financeira em uma linguagem acessível para as crianças pequenas. O letramento matemático articulado à literatura pode ser apresentado de forma lúdica ao refletir sobre o consumo de bens materiais voltado para o público infantil, que é facilmente influenciado, além de resgatar a existência do dinheiro em cédulas e moedas ainda presente, mas que tem sido cada vez mais substituído pela acessibilidade e facilidade do dinheiro digital no formato de cartão ou Pix.

HISTÓRIA DIGITAL



[CLIQUE AQUI](#)

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA POR MARI



[CLIQUE AQUI](#)



CONHECENDO A AUTORA



Telma Guimarães

Formada em Letras Vernáculas e Inglês pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Foi professora no estado de São Paulo por muitos anos, cronista do jornal Correio Popular e também assessora cultural na Delegacia Regional de Cultura de Campinas, além de autora de dicionário bilingue e de coleção de didáticos em Inglês.

Em sua carreira já publicou mais de 170 títulos e atualmente escreve apreciando uma vista linda de árvores e flores em sua casa.

PARA SABER MAIS SOBRE A AUTORA



[CLIQUE AQUI](#)

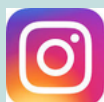
CONHECENDO A ILUSTRADORA



Silvana Rando

Nascida no estado de São Paulo iniciou sua carreira como ilustradora no ano de 2006; além de trabalhar com ilustração, também é autora. Um de seus personagens mais conhecido é o elefante Gildo (com essa obra Silvana ganhou o Prêmio Jabuti de 2011, na categoria ilustração de livro infantil e juvenil). A ilustradora tem vídeos no YouTube em que mostra como faz seus desenhos.

SIGA O INSTAGRAM DA SILVANA RANDO

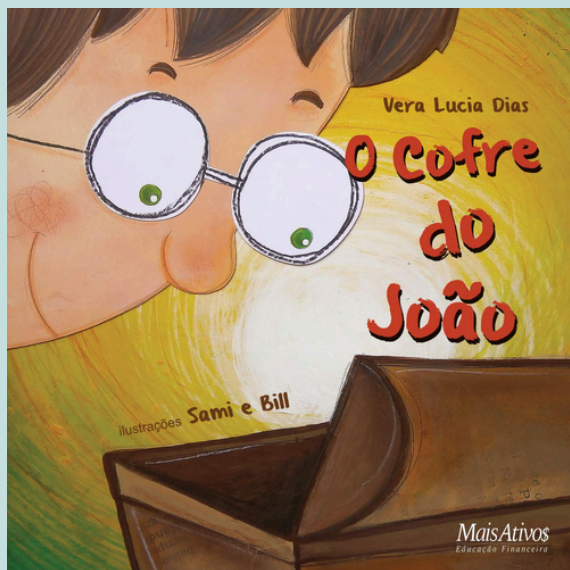


[CLIQUE AQUI](#)



SEGUNDO LIVRO

Figura 5: Capa do livro
“O cofre do João”



(Dias, 2014)

O livro conta a história de um menino que ganha um cofrinho não convencional de sua mãe. A mãe, com muita doçura, explica que o cofre não tem só a função de guardar dinheiro e que existem outras coisas valiosas que podem ser guardadas dentro dele. O menino, ao juntar tudo o que achava importante, consegue comprar o que desejava na loja de seu Pedro. Com sensibilidade, os adultos fortalecem a ideia de que existem coisas mais importantes do que os bens materiais.

PARA VER A CONTAÇÃO DA HISTÓRIA POR ALÊ SILVA



[CLIQUE AQUI](#)

Por que escolhemos esse livro?

Selecionamos o livro O cofre do João para tratar da temática de que o dinheiro é um recurso importante, mas que o valor da vida não se resume a ele. A narrativa traz uma reflexão para além do que pode ser comprado ou guardado em um cofre. Ela destaca que as relações, experiências, sentimentos, atitudes de cooperação, solidariedade e partilha têm um grande valor no cotidiano e na construção da formação do ser humano quanto a valores éticos e sociais.

CONHECENDO A AUTORA



Vera Lucia Dias

Professora de música e desde a infância cultiva o gosto pela leitura, pela escrita, pelo canto, pelas brincadeiras de roda e pelas viagens. Para a construção de suas histórias se espelha em suas próprias vivências, nas experiências de pessoas ao seu redor e até em acontecimentos relacionados aos animais com os quais convive.



[INSTAGRAM](#)

CONHECENDO OS ILUSTRADORES



Sami Ribeiro

Formado em Designer, é um ilustrador apaixonado pela criação visual. Há 20 anos trabalha com ilustrações de literatura infantil, publicitária e como autor de livros. Seu processo de criação ilustrativa envolve a combinação de técnicas manuais e digitais.

Portfolio

[SAMI](#)



[INSTAGRAM](#)

Bill Borges



Com formação no Magistério e em Design, ilustrou mais de 80 títulos entre livros de literatura e alguns didáticos. Também é autor e sua primeira publicação autoral foi em 2013, intitulada Coragem Coruja. Bill se apresenta como um "ilustrador", isto é, alguém que une as funções de ilustrador e escritor, integrando traços e imagens às palavras que compõem a narrativa de um livro.

Portfolio

[BILL](#)



[INSTAGRAM](#)

 LINKS COM AS INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEXTO:
DO LIVRO "A ECONOMIA DE MARIA" :

SINOPSE

1

2

AUTORA

1

2

3

ILUSTRADORA

1

2

Observação: para acessar alguns *links* é necessário fazer um cadastro.

 LINKS COM AS INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEXTO:
DO LIVRO "O COFRE DO JOÃO" :

SINOPSE

1

2

VERA LÚCIA

1

2

3

SAMI

1

2

3

BILL

1

2

3

Observação: para acessar alguns links é necessário fazer um cadastro.

Organização estrutural da sequência didática

Tema da unidade 2: sistema monetário – construindo valores

Propostas gerais de ensino-aprendizagem da sequência:

- Observar a materialidade do dinheiro por meio de cédulas e moedas considerando suas características visuais e quantitativas.
- Pensar sobre o uso responsável do dinheiro.
- Refletir sobre o fato do valor das coisas não está apenas naquilo que se pode comprar.
- Perceber a ordenação da sequência numérica e a articulação do dinheiro em situações cotidianas.
- Vivenciar situações lúdicas colocando em prática seus conhecimentos a respeito do sistema de valores.
- Incentivar a oralidade e a avaliação crítica.

Recursos materiais:

- Livros:"A economia de Maria", de Telma Guimarães, e "O cofre do João", de Vera Lúcia Dias;
- Cofrinho em formato de porco;
- Caixa de sapato para cofre diferenciado;
- Folhas A4;
- Cartolina;
- Canetinhas coloridas, lápis de cor, giz de cera;
- Lápis de escrever;
- Materiais artísticos (glitter, adesivos);
- Caixa decorada com números dentro;
- *Post-it*;
- Régua;
- Moedas de R\$ 1,00/notas de R\$ 2,00 e de R\$ 5,00;
- Fita adesiva;
- Sacos pequenos transparentes;
- Elásticos;
- Moedas de chocolate;
- Livros e gibis para venda;
- Números recortados em papéis coloridos;
- Fotos das atividades e de objetos para comparação e (tênis/bola, comida/brinquedo para o parque).

Tempo de duração aproximado: é indicado que cada proposta seja realizada em 30 a 50 minutos, no máximo, respeitando o tempo de concentração das crianças.

Organização da turma: a turma será organizada de forma individual, coletiva ou em grupos de 4 a 5 alunos para a realização das propostas.

Introdução: a sequência iniciará com as crianças sentadas em roda para apreciação e fruição da literatura.

Desenvolvimento: serão apresentadas propostas de exploração relacionadas ao letramento matemático, vinculadas aos objetivos da BNCC (Brasil, 2017) e aos objetivos de trabalho docente criado pelas autoras. Ressaltamos que os objetivos segundo a BNCC, em alguns casos, não foram utilizados em sua integridade, pois não se relacionavam diretamente à proposta articulada. Nessa sequência, selecionamos dois livros sobre a mesma temática com abordagens diferentes. Os momentos foram pensados de acordo com a continuidade da temática proposta. Caso seja necessário, é possível subdividir os momentos para a exploração mais eficiente da proposta de acordo com a especificidade da turma. As perguntas são apresentadas como um recurso de inspiração para o docente, sem a necessidade de serem utilizadas em sua totalidade ou de forma obrigatória.

Avaliação: ocorrerá através de duas etapas. Sugerimos que esse momento seja dividido em duas etapas para que as crianças tenham uma lembrança mais recente das propostas. A primeira inclui uma roda de conversa sobre os livros e a observação de reflexões sobre a temática, com registros gráficos. A segunda se refere à escolha da proposta que mais agradou as crianças, por meio de fotos das propostas. Explicaremos com mais detalhes o processo de avaliação no 7º momento da sequência. Além disso, a avaliação pode ser construída em outros formatos, valorizando assim a autoria do docente.

1º MOMENTO: exploração literária do livro “A economia de Maria”

Campo de experiência da BNCC – ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral.

Objetivo de trabalho docente: apresentar o livro, para oportunizar um momento de fruição e diálogos sobre a leitura.



Motivação: para estimular a curiosidade do que será lido, apresentar para a turma um cofre no formato de um porquinho. Possibilidades de perguntas:

- “Vocês sabem o que é esse objeto?”
- “Já viram ou tem ele em casa?”
- “E para que ele serve?”

Após a conversa, comunicar que na história vai ser contado para que serve esse objeto.

Fotografia 9 – Registro da apresentação do cofre de porco transparente.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).



Introdução: apresentar a capa, o autor e as características principais do livro antes do momento da contação da história. Possibilidades de perguntas:

- “Vocês sabem para que serve a capa do livro?”
- “O que são um autor e um ilustrador de livros?”
- “Vocês acham que esses profissionais são importantes? Por quê?”
- “Como seria um livro sem capa?”
- “E sem ilustração? Sem palavras?”

Ao falar sobre o autor e ilustrador é importante apresentar suas fotos, para que as crianças visualizem concretamente quem são. Chamar a atenção para a diversidade dos elementos pré-textuais do livro, resgatando e fortalecendo os conhecimentos já apresentados anteriormente e lembrados pelas crianças.



Leitura: reunir as crianças em roda e fazer a leitura.



Interpretação: Conversar com as crianças sobre a narrativa da história. Possibilidades de perguntas:

- “O que vocês mais acharam interessante na história?”
- “Onde as irmãs guardavam o dinheiro?”
- “Vocês guardam dinheiro no cofrinho?”
- “As duas gostavam de guardar dinheiro?”
- “Acham importante guardar dinheiro? Por quê?”
- “Precisamos de dinheiro para quê?”
- “Como as pessoas compram as coisas hoje?”
- “E como fazemos para conseguir o dinheiro?”
- “As crianças trabalham?”
- “Então, como as crianças conseguem dinheiro?”
- “O dinheiro sempre existiu?”

Observação: as crianças podem trazer para o momento da conversa a referência monetária do Pix e do cartão de crédito, mas o interesse na proposta é resgatar, e em alguns casos até apresentar, o valor monetário do imaginário infantil em relação ao dinheiro físico.

2º MOMENTO: exploração literária do livro “O Cofre do João”

Campo de experiência da BNCC – ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral.

Objetivo de trabalho docente: apresentar o livro para oportunizar um momento de fruição e diálogos sobre a leitura.



Motivação: para estimular a curiosidade do que será lido, apresentar para a turma uma caixa e perguntar para as crianças para que serve esse objeto. Após a conversa, falar que a história vai mostrar uma das coisas que podem ser feitas com esse objeto.



Introdução: refazer a proposta de introdução do 1º momento.

Leitura: reunir as crianças em roda e fazer a leitura.



Interpretação: conversar com as crianças sobre a narrativa da história. Possibilidade de perguntas:

- “O que vocês mais gostaram na história?”
- “O que João ganhou de sua mãe?”
- “Era um cofre igual ao da história das irmãs gêmeas do outro livro?”
- “O que João guardou no cofre? E as Marias?”
- “O que vocês acham mais legal de guardar no cofre?”
- “O que vocês gostariam de guardar no cofre?”
- “Vocês acham que as coisas que João guardou são importantes?”
- “Se pudessem escolher alguma coisa para ser o cofre de vocês, o que escolheriam?”

3º MOMENTO: o que escolho?

Campo de experiência da BNCC – O EU, O OUTRO E O NÓS

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.

Objetivo de trabalho docente: pensar sobre o que é importante comprar ou não em diferentes contextos.



1. Lista com figuras: apresentar diferentes figuras para as crianças e criar situações hipotéticas para que elas decidam o que comprar de acordo com o contexto.

Situação 1: o tênis da escola do João rasgou e ele não pode ir para a escola sem tênis. O João ganhou um dinheiro de sua mãe e foi à loja. Chegando lá, ele viu uma bola que queria muito, mas o dinheiro só era o suficiente para comprar a bola ou o tênis. Possibilidade de pergunta:

- “O que vocês acham que João tem que comprar?”

Ouvir as respostas das crianças, problematizar a situação e tentar entrar em um consenso para a escolha de um objeto.

Situação 2: as crianças da escola queriam muito um brinquedo novo no parquinho, mas no mesmo dia a comida da escola acabou. A diretora fez uma reunião e pediu para as crianças escolherem o que queriam, pois o dinheiro só daria para uma coisa ou outra. Se escolhessem a comida teriam café da manhã, almoço e lanche, mas se escolhessem o brinquedo ficariam sem a comida. Possibilidade de pergunta:

- “O que vocês escolheriam?”

Figura 6 – Imagens de um parquinho infantil e de crianças durante o momento da alimentação escolar.



Fonte: Adaptado de Freso (2025) e Rio de Janeiro (2025).



2. Meu desejo sem preço: pedir para que as crianças registrem uma única coisa que mais gostariam de comprar, independentemente do preço. Escrever o que as crianças desenharam e guardar ou expor no mural a proposta para utilização posterior.

4º MOMENTO: quanto vale?

Campo de experiência da BNCC – ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.

Objetivos de trabalho docente: explorar e comparar cédulas e moedas do sistema monetário brasileiro, identificando características visuais e comparando valores a partir de observações, diálogos e experiências concretas e lúdicas.



1. Apresentação das cédulas e moedas: dividir a turma em grupos de 4 ou 5 crianças e mostrar moedas de R\$ 1,00, notas de R\$2,00 e R\$ 5,00 verdadeiras. Possibilidades de perguntas:

- “O que é isso?”
- “Que desenhos são esses?”
- “Sabe por que tem desenhos no dinheiro?”
- “Os tamanhos são iguais?”
- “E o formato do dinheiro?”
- “Para que serve o dinheiro?”
- “Onde ele pode ser conseguido?”
- “Você precisa de dinheiro? Para quê?”

Registrar as respostas das crianças em um bloco.



2. Desafio das quantidades: nos mesmos grupos, pedir para as crianças pegarem o valor que elas acham que vale mais e o que vale menos. Solicitar que expliquem o motivo da sua escolha.



3. Desafio das combinações: nos mesmos grupos, pedir que elas façam combinações para chegar a R\$ 3,00, R\$ 4,00 e expliquem suas estratégias ao combinar os valores. Registrar as combinações com fotos.

ATENÇÃO PROFESSOR!

Ao explorar a parte visual do dinheiro, as crianças podem ficar curiosas em relação ao formato do dinheiro, ao tamanho, à forma, aos animais que aparecem e à figura do rosto de uma pessoa (símbolo da República). Para saber mais sobre esses elementos:



Figura 7 – Representação de notas e moedas.



Fonte: <https://pontodoconhecimento.com/cedulas-e-moedas-brasileiras-para-imprimir/> (2025)

5º MOMENTO: sequência numérica

Campo de experiência da BNCC – ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03ET07) Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.

Objetivo de trabalho docente: favorecer o desenvolvimento da contagem com correspondência termo a termo, por meio da relação entre número e quantidade, além de promover a organização de elementos em sequência lógica, identificando noções de anterioridade, posterioridade e posição intermediária em contextos significativos e coletivos.



1. Agrupando quantidades: dividir a turma em grupos com 4 ou 5 crianças. Cada grupo ficará responsável por um ou dois números. É interessante que

os grupos que pegarem um número mais baixo fiquem com dois números. A quantidade numérica será estabelecida pelo professor. A nossa sugestão é que seja até 20. Entregar saquinhos transparentes e moedas de chocolate para os grupos. Solicitar que, juntos, coloquem a quantidade de moedas que for falada pelo professor dentro do saco. Depois o professor fechará o saco com elástico e grampeará o número correspondente à quantidade. Mediar os grupos e auxiliá-los na contagem, se necessário.

Fotografia 10 – Registro de alguns grupos separando a quantidade de moedas corresponde ao número.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).



2. Organizando a sequência numérica: de forma coletiva, organizar a sequência numérica com a turma. Possibilidades de perguntas:

- “Qual é o primeiro saco de moedas que vocês desejam colocar para organizarmos as quantidades?”
- “E ao lado direito, (após/depois) desse saquinho, devemos colocar qual?”

Sequenciar com o grupo o restante dos saquinhos.

- “Qual tem mais quantidade?”
- “E qual tem menos?”



3. Distribuição: após a organização, é possível solicitar que os alunos escolham um saquinho para compartilhar as moedas com todos os amigos. Possibilidades de perguntas:

- “Vocês querem ganhar uma moeda?”
- “Qual saquinho podemos abrir para que todos ganhem uma moeda?”

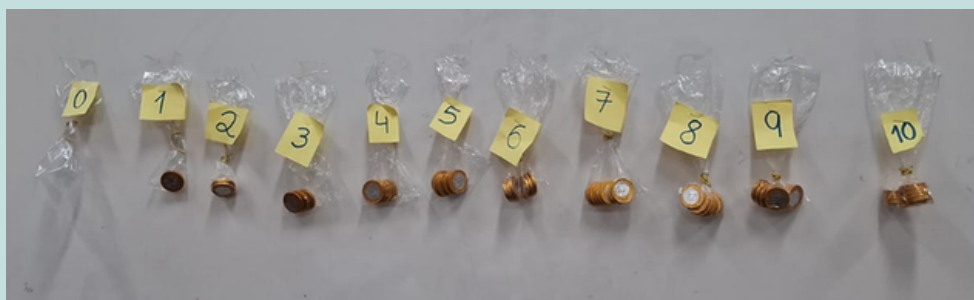
Após a escolha da turma, solicitar que algum aluno faça a distribuição. Possibilidades de perguntas:

- “Todos ganharam?”
- “O que aconteceu?”
- “Como podemos resolver essa situação?”

Não há como prever as respostas com exatidão. É importante explorar as situações com perguntas que instiguem as crianças a buscarem soluções matemáticas para alcançarem seus objetivos. No final, as crianças ficarão felizes ao degustarem as moedas de chocolate.

Observação: o chocolate deve ser oferecido em pouca quantidade, pois não é um alimento recomendado para a manutenção de uma alimentação saudável.

Fotografia 11 – Registro da sequência numérica.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

6º MOMENTO: compras no sebinho

Campo de experiência da BNCC – ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.

(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

Objetivo de trabalho docente: promover experiências significativas de vivência social e matemática por meio da simulação de compra e venda de livros e gibis, possibilitando que as crianças reconheçam valores monetários, façam escolhas, lidem com noções de quantidade e desenvolvam habilidades de argumentação e tomada de decisão.

 1. Introdução do significado de “sebo”: perguntar às crianças se elas sabem o que é um sebo. Fazer um mapa mental com as respostas das crianças. Explicar o significado como loja que compra, vende e, algumas vezes, troca livros usados por um preço mais baixo/barato. Destacar que os livros são mais caros em outros lugares.

 2. Vendas no sebinho: o professor deverá organizar um ambiente de sebo com livros infantis e gibis para serem vendidos. Os livros serão previamente etiquetados com os valores de R\$ 3,00 e os gibis, R\$2,00. Cada criança receberá o mesmo valor monetário e quantitativo, seja em notas e moedas, resultando no valor de R\$ 5,00 para realizar suas compras.

 3. Simulação de compras: cada criança escolherá um ou dois itens para “comprar”, vivenciando a relação entre dinheiro e troca. Na brincadeira, o professor fica como o caixa e dar uma notinha de papel para a criança comprovar a sua compra. Colocar os itens em uma sacola e entregá-los para as crianças.

 4. Discussão coletiva: mediar o diálogo explorando perguntas sobre como foi a experiência, se eles ficaram em dúvida ao escolher entre diferentes itens e como decidiram o que “comprar”.

Observação: é possível envolver as crianças de alguma forma na organização do sebo. As revistas e livros utilizados na proposta devem ser doados, ou seja, as crianças poderão levá-los para sua casa. Para isso, é importante fazer uma seleção de livros e gibis que estejam em bom estado de conservação. As doações de livros e gibis podem ser recolhidas na própria biblioteca da escola.

Fotografia 12 – Registro da “loja sebo”.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

Fotografia 13 – Registro das compras realizadas no sebo.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

7º MOMENTO: avaliação

Sugerimos que o momento da avaliação seja dividido em duas etapas. Após finalizar a 3ª momento, inicia-se a primeira etapa de avaliação.

1ª etapa: fazer uma roda de conversa com a exposição dos livros para que as crianças conversem sobre as relações que estabeleceram entre eles. Após, apresentar os desenhos realizados no 3º momento (“o que escolho?”), solicitando que a criança que o desenhou explique o motivo de sua escolha. Possibilidades de perguntas:

- “Vocês acham esse desejo importante?”
- “O que é importante para uma pessoa também é importante para outra?”
- “Vocês conseguiriam viver sem esse objeto?”
- “O que as pessoas não conseguem viver sem que pode ser comprado com dinheiro?”

2ª etapa: fixar uma foto sobre cada momento (4º “quanto vale?”, 5º “sequência numérica” e 6º “compras no sebinho”), em algum canto da sala ou no chão, e pedir para as crianças se direcionarem para a proposta que mais gostaram de realizar. Pedir para as crianças explicarem por que elas gostaram mais daquela atividade. Tirar uma foto para registrar as escolhas das crianças.



UNIDADE 3

PROBLEMAS MONSTRUOSOS: VAMOS RESOLVER JUNTOS!

Figura 8: Capa do livro
“Problemas monstruosos”.



(Boneto; Tanaka, 2019)

Esse livro foi pensado para ir além da diversão: ele convida as crianças (e os adultos também!) a explorar o mundo da matemática e da linguagem de um jeito leve, lúdico e cheio de significado. A cada página, surgem novas situações-problema que precisam ser resolvidas com raciocínio, imaginação e empatia. Mas o mais interessante é que essa história tem duas versões: de um lado, você acompanha os acontecimentos pelo olhar curioso dos monstros; do outro, vê tudo de novo, mas do ponto de vista dos dongos, pequenos camundongos que também estão tentando resolver seus dilemas.

Por que escolhemos esse livro?

Selecionamos a versão dos monstros deste livro por reconhecermos o potencial afetivo e pedagógico que essas criaturas fantásticas despertam nas crianças pequenas. Ao acompanhar os desafios vividos por esses monstros, as crianças são instigadas a observar, refletir, levantar hipóteses e encontrar soluções para situações-problema, sempre em diálogo com imagens ricas e textos envolventes. A narrativa, ao mesmo tempo divertida e instigante, cria uma ponte entre o faz de conta e o raciocínio lógico, favorecendo o desenvolvimento de habilidades como contagem, comparação, relações de quantidade, espaço e tempo, entre outras.

CONHECENDO AS AUTORAS

Cristiane Boneto



Cris, como gosta de ser chamada, é especialista em Educação Matemática e tem construído uma trajetória acadêmica e profissional que entrelaça matemática, psicologia e ensino. Com experiência em formação de educadores e produção de materiais didáticos, já atuou em instituições de referência no Brasil e na América Latina. Atualmente tem se dedicado à autoria e consultora educacional. Suas coisas prediletas são: viajar, fazer arte, compartilhar ideias e conhecer novos lugares e pessoas.

ESPIE O CURRÍCULO E A REDE SOCIAL DA CRIS



[CLIQUE AQUI](#)



[CLIQUE AQUI](#)

Ana Lúcia Freire Tanaka



Mãe, contadora de histórias e coautora do livro, Ana Lúcia é apaixonada pelo universo infantil e transformou inspirações cotidianas em uma obra que convida as crianças a resolver situações entre monstros e camundongos por meio de estratégias e imaginação. Seu olhar afetivo direciona o jogo de pontos de vista, estabelecendo um diálogo leve e significativo com o jovem leitor.

CONHEÇA UM POUCO MAIS SOBRE OS INTERESSES DE ANA LÚCIA



[CLIQUE AQUI](#)

CONHECENDO A ILUSTRADORA



Gabriela Gil

Com formação em Artes Visuais pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) e especialização em Design Gráfico na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), ela desenvolveu um olhar sensível para a narrativa visual infantil, em que cada traço e cor são pensados para encantar e comunicar de maneira afetiva e inteligente. Seu trabalho valoriza formas orgânicas, cores vibrantes e narrativas visuais que exaltam a infância e a leitura lúdica.

CONHEÇA UM POUCO MAIS DO TRABALHO DA GABI



[GABI](#)



[CLIQUE AQUI](#)



Nesse vídeo Cristiane Boneto comenta sobre o processo de criação do livro. Venha conferir!



[CLIQUE AQUI](#)



LINKS COM AS INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEXTO: DO LIVRO "PROBLEMAS MONSTRUOSOS" :



SINOPSE

1

2

CRISTIANE

1

2

ANA LÚCIA

1

GABRIELA

1

2

Observação: Para acessar alguns *links* é necessário fazer um cadastro.

Organização estrutural da sequência didática

Tema da unidade 3: problemas monstruosos: vamos resolver juntos!

Propostas gerais de ensino-aprendizagem da sequência:

- Estimular o raciocínio lógico para a resolução de problemas cotidianos.
- Manusear instrumentos convencionais e não convencionais de medidas.
- Observar relações de semelhança e diferenças entre peso e medidas.
- Brincar com possibilidades de estimativa a partir de materiais concretos.
- Perceber a relação do próprio corpo com a matemática.
- Expressar-se artisticamente a partir do desenho considerando alguns conhecimentos matemáticos.
- Construir coletivamente um gráfico simples.

Recursos materiais:

- Livro "Problemas monstruosos" de Cristiane Boneto e Ana Lúcia Freire Tanaka;
- Folhas A4;
- Cartolina;
- Canetinhas coloridas, lápis de cor, giz de cera, riscantes diversos;
- Lápis de escrever;
- Materiais artísticos (glitter, adesivos etc.);
- Post-it;
- Barbantes;

- Tiras de papel;
- Balança;
- Fita métrica;
- Imagens coloridas e recortadas de olhos e bocas de monstros;
- Imagens de monstrinhos em diferentes tamanhos;
- Três potes transparentes com objetos dentro;
- Massa de modelar;
- Olhinhos de plástico para artesanato;
- Papéis cortados em formato de coração;
- Fita adesiva;
- Fotos das atividades.

Tempo de duração aproximado: é indicado que cada proposta seja realizada em 30 a 50 minutos, no máximo, respeitando o tempo de concentração das crianças.

Organização da turma: a turma será organizada de forma coletiva ou em grupos de 4 a 5 alunos para a realização das propostas.

Introdução: a sequência iniciará com a instigação sobre o prazer da leitura literária.

Desenvolvimento: serão apresentadas propostas de exploração relacionadas ao letramento matemático, vinculadas aos objetivos da BNCC (Brasil, 2017) e aos objetivos de trabalho docente criados pelas autoras. Ressaltamos que os objetivos da BNCC, em alguns casos, não foram utilizados em sua integridade, pois não se relacionavam diretamente com a proposta articulada. Os momentos foram pensados de acordo com a continuidade da temática proposta. Caso seja necessário, é possível subdividir os momentos para a exploração mais eficiente da proposta de acordo com a necessidade da turma.

Avaliação: ocorrerá em duas etapas. Na primeira, após o 4º momento, as crianças serão convidadas a criar um monstrinho de massinha contendo as expressões “não gostei”, “gostei” e “amei”. O docente deve relembrar com as crianças cada momento tido até então (ou seja, do 1º ao 4º) e pedir para que elas se expressem, em relação a cada um deles, através da expressão do monstrinho que fizeram, explicitando “não gostei”, “gostei” ou “amei”. Na segunda etapa, realizada ao final do 7º momento, será feito um mapa mental e construído um monstro mascote da turma a partir da exploração dos conhecimentos matemáticos trabalhados. No 8º momento, detalharemos mais a proposta.

1º MOMENTO: exploração literária

Campo de experiência da BNCC – ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral.

Objetivo de trabalho docente: apresentar o livro para oportunizar um momento de fruição e diálogos sobre a leitura.



Motivação: recortar elementos que caracterizem monstros e escondê-los na sala. Ao entrar, sentar as crianças em roda e falar que, para conhecerem a história do dia, o professor precisa que elas o ajudem a procurar algumas partes dos personagens da história que estão escondidas na sala. Cada aluno deve encontrar duas partes e voltar a se sentar na roda. Após a exploração, perguntar o que encontraram e sobre o que acham que será a história. Possibilidade de perguntas:

- “Vocês têm medo de monstros?”

Em seguida, avisar que as partes precisam ser colocadas dentro do cesto para iniciar a contação. Esperar um tempo até as crianças se acalmarem para iniciar a introdução.

Fotografia 14 – Registro de crianças procurando as partes dos monstros.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).



Introdução: apresentar a capa, as autoras e as características principais do livro antes do momento da contação da história. Possibilidades de perguntas:

- “Vocês lembram para que serve a capa do livro ?”
- ”Olhando a capa, que história vocês acham que o livro vai contar?”
- “O que são um autor e um ilustrador de livros?”
- ”Por que eles são importantes?”.

Ao falar sobre as autoras e a ilustradora é importante apresentar suas fotos, para que as crianças visualizem concretamente as pessoas.



Leitura e interpretação: por se tratar de um livro desafiante e dialógico, no qual as pistas sobre a resolução das ações são dadas sempre nas páginas seguintes, incorporamos essas duas etapas para estimular o pensamento lógico e a criatividade das crianças para resolver as situações apresentadas sem a interferência do texto posterior. Com isso, oportunizamos um espaço de trocas espontâneas que estimulam o imaginário infantil. Destacamos que, nesse momento, não é necessário se aprofundar nos questionamentos e sim dar espaço para a criatividade imaginária existente nas infâncias.

IMAGENS RETIRADAS DE SITES DA INTERNET PARA INSPIRAÇÃO

CLIQUE NAS IMAGENS
PARA ACESSÁ-LAS.



2º MOMENTO: diferenças monstruosas

Campo de experiência da BNCC – CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

Objetivo de trabalho docente: fomentar a observação e a descrição de aspectos qualitativos e quantitativos dos personagens, estabelecendo um contraponto com as características do corpo humano.



1. Retomada literária: reler ou relembrar a história.



2. Exploração das características dos monstros: relacionar as características físicas dos monstros com elementos quantitativos matemáticos e observar suas diferenças em relação ao corpo humano. Possibilidades de perguntas:

- “Quantos monstrinhos vocês viram na história?”
- “Quais são as cores dos monstrinhos?”
- “Eles são iguais às pessoas?”
- “O que eles têm de diferente e o que têm de parecido?”

Nesse momento é importante apresentar as imagens dos monstrinhos, para que as crianças visualizem bem as suas características. Registrar a fala das crianças.



3. Desenhos monstruosos: oferecer um papel A4 para que as crianças construam um monstro diferente da história. As partes dos monstros utilizadas na etapa de motivação (olhos e bocas) podem ser utilizadas para complementar os desenhos. Incentivar as crianças a usarem a sua imaginação para o quantitativo dos elementos monstruosos. Depois, cada uma descreverá oralmente sua criação para os amigos, destacando suas características numéricas. Também solicitar que as crianças nomeiem os monstros.

Fotografia 15 – Registro dos monstros desenhados pelas crianças.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

3º MOMENTO: estimando quantidades monstruosas

Campo de experiência da BNCC – O EU, O OUTRO E O NÓS

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

Objetivo de trabalho docente: desenvolver a estimativa de forma lúdica.



1. Quantos têm? Apresentar três potes transparentes com quantidades variadas de objetos e pedir que as crianças estimem o quantitativo de um de cada vez. É importante colocar quantidades nas faixas numéricas que as crianças dominem mais ou com as quais já tenham trabalhado, em termos de contagem e quantificação.

Observação: fica a critério do docente registrar os palpites das crianças em um papel para posterior comparação.



2. Verificação das quantidades: contagem coletiva dos itens para conferir a estimativa mais próxima do resultado real.

Observação: uma ampliação consiste em apresentar o número da quantidade de objetos do primeiro pote e criar uma lista com os palpites numéricos das crianças, questionando qual é o número mais próximo e o mais distante do resultado real. Realizar o mesmo processo com os outros potes. Essa proposta também pode ser realizada somente de forma oral, a critério do docente.

Fotografia 16 – Registro dos potes com objetos para estimativa.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

4º MOMENTO: um problema monstruoso

Campo de experiência da BNCC – ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

Objetivo de trabalho docente: desenvolver o raciocínio lógico e a resolução de problemas.



1. Quero pegar: colocar previamente um pote de biscoitos em um lugar alto, o qual as crianças não consigam acessar com facilidade, e solicitar que elas pensem em estratégias para pegá-lo. Possibilidades de perguntas:

- “O que podemos fazer para pegar o pote?”
- “Essa é uma forma segura de pegá-lo?”
- “O que pode acontecer se der errado?”
- “Vocês conseguem fazer isso sozinhos? Por quê?”

Instigar as crianças a pensarem nas estratégias para a resolução do problema e nas consequências positivas ou negativas dessas ações.



2. Divisão dos biscoitos: organizar junto com as crianças a divisão dos biscoitos e ao final saboreá-los.



3. Registro de resoluções: pedir para as crianças desenharem a resolução do problema.

Observação: essa atividade está diretamente vinculada a uma situação apresentada no livro. A seguir, é apresentada a página que inspirou a construção da proposta.

Figura 9 – Ilustração dos personagens pensando como pegar o recipiente.



(Boneto; Tanaka, 2019, p.19)

5º MOMENTO: poções monstruosas

Campo de experiência da BNCC – ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

Objetivo de trabalho docente: estimular a expressão do raciocínio lógico através de adivinhas compartilhados com os colegas.



1. O monstro bebeu: apresentar quatro garrafas/potes com os líquidos de acordo com a cor apresentada na história (amarelo, azul, roxo e laranja). A parte do livro que apresenta as charadas deve ser retomada e as crianças terão que descobrir qual poção o monstro bebeu. Iniciar com a descoberta dos monstros que aparecem na própria história, podendo ser explorados os outros monstros depois.

Figura 10 – Trecho da narrativa que apresenta a situação-problema envolvendo as poções coloridas.

SE BEBER A POÇÃO LARANJA, MAIS UM CHIFRE ARRANJA.
COM A POÇÃO LILÁS, PERDE-SE A PATA DE TRÁS.
SE A AMARELA TOMAR, OUTRO OLHO VAI GANHAR.
E, SE A AZUL ENGOLIR, O QUE SERÁ QUE VAI SUMIR?
ME DIGA AÍ, BEM LIGEIRO:
QUE POÇÃO TOMOU CADA ARTEIRO?

(Boneto; Tanaka, 2019, p. 12)



**Amarela-mais um
olho**



**Lilás-menos uma
pata de trás**



**Azul-o que será que vai
sumir?**



**Laranja-mais um
chifre**

Observação: essa atividade está diretamente vinculada a uma situação apresentada no livro. As poções podem ser feitas com água e tinta guache.



2. Criando poções: criar com as crianças novas charadas e consequências para outras poções. A seguir, são apresentadas algumas sugestões.



Vermelha-mais uma
orelha



Verde- um rabinho de
enfeite

6º MOMENTO: medindo crianças

Campo de experiência da BNCC – ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03ET08) Expressar medidas (peso, altura etc.), construindo gráficos básicos.

Objetivo de trabalho docente: viabilizar o reconhecimento e a comparação de medidas de comprimento a partir do seu corpo e dos corpos dos colegas, criando um gráfico da posição crescente para decrescente com base na altura dos colegas da turma.



1. Medindo nossos corpos: preparar previamente pedaços grandes de barbante pendurados com as fotos das crianças. Em roda, pedir para que uma criança de cada vez se deite no meio da roda e outra criança estique o barbante para medi-la; em seguida, cortar o pedaço de barbante que sobrou. Após, as crianças poderão comparar as suas medidas com as dos colegas pelo pedaço de barbante; reservar um tempo para as crianças explorarem essa atividade. Colocar uma música e, quando ela terminar, indicar alguns desafios – “Agora eu quero que vocês procurem um colega do mesmo tamanho!”, “Um menor do que vocês!”, “Um maior!”.



2. Registro de medidas: com as crianças sentadas em roda, utilizar uma fita métrica para registrar a altura de cada um. Por mais que as crianças ainda não tenham o domínio sobre o sistema de medida, é importante introduzir os

termos “metro” e “centímetro”. Para registro da medição, pode-se colar uma fita de cartolina na vertical de uma parede da sala e fazer a sinalização da altura dos alunos. Assim, as crianças poderão visualizar diariamente esse registro e fixar esses conhecimentos.

 3. Desafio da ordem crescente e decrescente: perguntar se as crianças sabem o que significam as palavras “crescente” e “decrescente”. Explicar seus significados; após, dividir a turma em grupos de 4 ou 5 crianças. Desafiar os grupos a se organizarem em ordem crescente e depois decrescente. Os grupos podem ser alterados para que as crianças tenham que refazer a organização conforme a alteração de alturas.

 4. Gráfico de alturas: construir um gráfico simples sobre a altura das crianças. Possibilidades de perguntas:

- “Vocês sabem o que é um gráfico?”
- “Para que ele serve?”
- “Como ele pode nos ajudar a entender alguma informação?”
- “Como podemos iniciar o nosso gráfico?”
- “Da criança maior ou menor?”

Para se inspirar, [clique aqui!](#)

Fotografia 17 – Registro da observação e comparação da altura das crianças através do barbante.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

7º MOMENTO: pesando crianças

Campo de experiência da BNCC – ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC:

(EI03ET08) Expressar medidas (peso, altura etc.), construindo gráficos básicos.

Objetivo de trabalho docente: observar e comparar medidas de “peso” a partir do seu corpo e dos corpos dos colegas.



1. Leve ou pesado: com a turma em roda chamar dois alunos para iniciar a comparação de “peso”. Depois fazer a comparação com outras crianças, até em trios. Possibilidades de perguntas:

- “Quem vocês acham que é mais leve? Por quê?”
- “E mais pesado? Por quê?”
- “Como podemos verificar quem é mais leve ou pesado?”

Caso as crianças respondam algo relacionado à balança, apresentar o objeto para eles. Caso não conheçam esse objeto, apresentá-lo como uma novidade para a turma. Possibilidades de perguntas:

- “Vocês sabem o que é isso?”
- “Para que serve?”
- “Como ela nos mostra o “peso”?”
- “Querem experimentar?”

Deixar as crianças se pesarem, anotar em um papel o “peso” de cada uma e entregar para elas observarem. Nesse momento, a exploração terá como foco os quilos e não as gramas.

Fotografia 18 – Registro da pesagem de um aluno.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).

8º MOMENTO: avaliação

Sugerimos que a avaliação seja dividida em duas etapas.

1ª etapa: ao final do 4º momento (“Um problema monstruoso”), as crianças serão convidadas a fazer um monstinho de massinha. Caso tenha olhinhos, palitos, corações recortados em papéis coloridos, folhas recolhidas da natureza e outros recursos, oferecê-los para as crianças enfeitarem seus monstinhos. Colar a imagem de três monstros em um local de fácil visualização para as crianças, cada imagem representará uma avaliação segundo a legenda.



NÃO GOSTEI



GOSTEI



AMEI

Em seguida, relembrar o 1º momento (“Exploração literária”); é possível mostrar o livro para as crianças rememorem a contação da história. Explicar para as crianças que, caso elas não tenham gostado da história, devem levar o seu monstro de massinha para visitar o amigo monstro “não gostei”, se gostaram visitarão o “gostei” e se adoraram, o “amei”. Essas visitas ocorrerão após o resgate das atividades de cada momento. Para resgatar as memórias do 2º momento (“Diferenças monstruosas”), é possível mostrar os desenhos de monstros que eles criaram individualmente. Para o resgate do 3º momento (“Estimando quantidades monstruosas”), apresentar os potes de estimativas. Para o 4º momento (“Um problema monstruoso”), colocar o pote em cima do armário. É possível pedir que algumas crianças justifiquem suas avaliações. Registrar esse momento com fotos. Se possível, deixar a turma levar seus monstros de massinha para casa.

2ª etapa: após o 7º momento (“Pesando crianças”), será feito um mapa mental e construído um monstro mascote da turma a partir das explorações dos conhecimentos matemáticos apresentados.

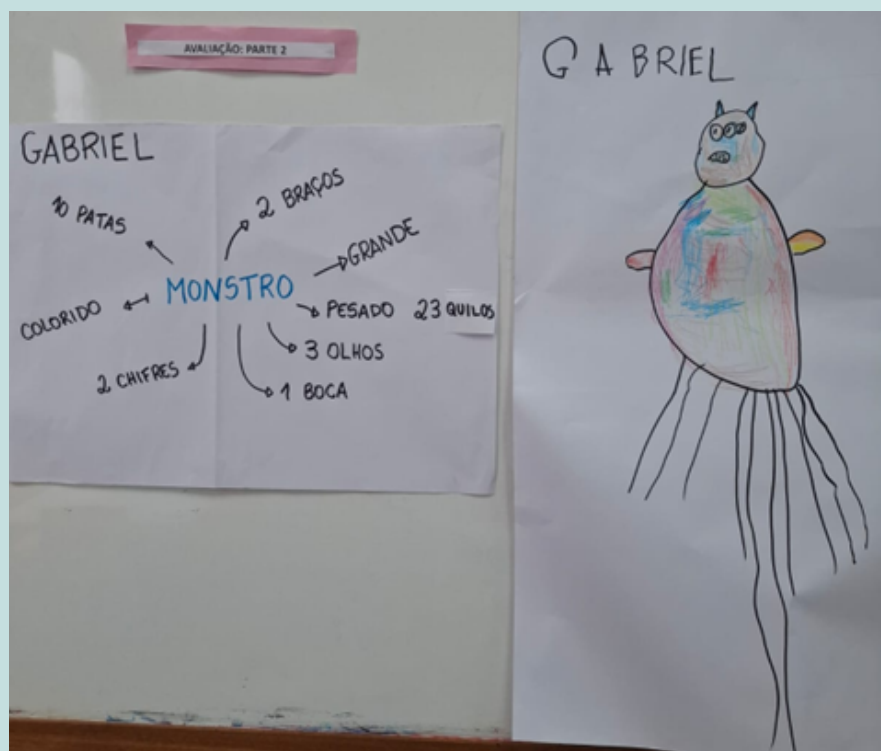
Mapa mental: construir um mapa mental com as características de um monstro escolhidas pelas crianças para compor o mascote da turma. Sentar as crianças em roda e convidá-las a construírem juntas um monstro mascote da turma;

antes, porém, pensar nas características que ele pode ter. Escrever a palavra “monstro” no meio de uma cartolina e puxar setas escrevendo as características escolhidas pelas crianças. Possibilidades de perguntas:

- “Vocês querem que o nosso mascote seja grande ou pequeno?”
- “Alto ou baixo? Qual o tamanho exato?”
- “Pesado ou leve? Qual o peso exato?”
- “Terá olhos? Quantos?”
- “Terá boca ou bocas? Quantas?”
- “Terá nariz? Chifres?”
- “Qual será sua cor?”
- “Patas? Quantas?”
- “Vamos pensar em um nome?”
- “O que mais desejam que tenha no nosso mascote monstruoso?”

Desenhando o mascote: pedir para que cada criança de uma vez desenhe, pinte, escreva o nome do monstro mascote. Dividir as etapas de forma que todos possam participar.

Fotografia 19 – Registro do mapa mental e do monstro Gabriel.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025).



Ampliando as sugestões literárias

Nesta seção, sugerimos 10 títulos literários com o potencial para a exploração do letramento matemático articulado à literatura infantil. Organizamos o nosso catálogo a partir das publicações mais recentes para as menos recentes. Para a elaboração do texto “Do que o livro trata?” apresentamos o título e o autor, indicamos a temática da narrativa (construída com base na própria sinopse do livro) e destacamos algumas possibilidades de exploração matemática. Cabe ressaltar que alguns livros possuem potencial de exploração maior que outros.

Também indicamos alguns *links* para os interessados em conhecer mais sobre as obras. Ressaltamos, contudo, que nem todos os livros disponibilizam integralmente os recursos digitais mencionados:

- Texto que inspirou a construção “Do que o livro trata?”.
- Amostras gratuitas por meio de audiolivros de uma parte da história.
- Amostras gratuitas por meio de livro digital.
- Contação da história no canal do YouTube.

Abaixo, segue a legenda de ícones para cada elemento.



TEXTO INSPIRAÇÃO



LIVRO DIGITAL



AUDIOLIVROS



HISTÓRIA

Figura 10: Capa do livro “A matemática do urso”



Franco, 2024.

DO QUE O LIVRO TRATA

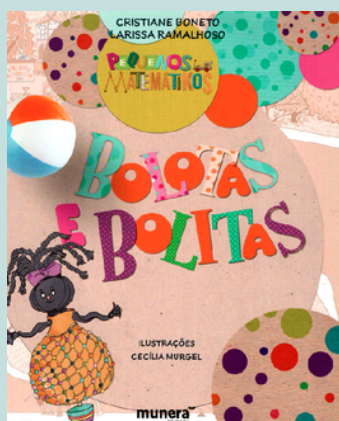
No livro “A matemática do urso” da autora Blandina Franco, a narrativa apresenta o trajeto de um urso que carrega uma melancia para o seu jantar pela floresta. Ao longo de sua caminhada, encontra uma anta que propõe ao urso a trocar de sua melancia por dois melões. O urso fica contente com a troca, já que dois valem mais do que um e, assim, o trato é feito. Dando continuidade ao seu trajeto, o urso encontra diferentes animais que lhe propõe trocar os frutos que já possui, sempre por uma quantidade que equivale a mais um em relação à sua e o urso prontamente faz a troca. Ao final da história, depois de trocar seus frutos por 10 vezes o urso faz uma importante descoberta: o que será que vale mais?

POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA

Podem ser exploradas noções matemáticas de contagem até o número 10, adição e subtração simples, situações que envolvem o raciocínio lógico-matemático e a criação de lista com os itens envolvidos nas trocas. Observando as ações do urso — de sempre trocar seus frutos por outros — é possível refletir sobre a proporção e qualidade do que se tem versus a quantidade.

[CLIQUE AQUI](#)[CLIQUE AQUI](#)

Figura 11 : Capa do livro “Bolotas e bolitas”

[**CLIQUE AQUI**](#)

Boneto e Ramalhoso, 2024.

DO QUE O LIVRO TRATA

No livro “Bolotas e bolitas”, de Cristiane Boneto e Larissa Ramalhoso, a narrativa apresenta as brincadeiras e as situações de resolução de problemas vivenciadas por um grupo de cinco amigos, chamado “Pequenos Matemáticos”. Certo dia, Caê leva ao grupo uma caixa com bolinhas de gude. Cada criança conhece o objeto por um nome diferente (carambolinhas, bolitas, bolotas, fubeca), o que evidencia a diversidade cultural presente na linguagem.

Ao observarem as bolinhas, as crianças exploram suas características físicas, tais como formato, textura, cor, tamanho e temperatura, passando a investigar diferentes formas de brincar. Durante essas experiências, realizam comparações com outros objetos, identificam propriedades distintas e percebem, por exemplo, a impossibilidade de empilhá-las em razão de seu formato esférico.

Cada amigo conhece uma brincadeira diferente com as bolinhas, mas, juntos, decidem experimentar a sugerida por Caê. Ele explica que, inicialmente, é necessário desenhar um triângulo no chão, posicionando três bolinhas nas pontas e dez no interior da figura. Em seguida, cada criança pode lançar sua bolinha três vezes, com o objetivo de retirar as que estão dentro do triângulo. As crianças organizam todas as etapas da brincadeira: desenharam o triângulo, dialogam sobre a quantidade e o posicionamento das bolas, estabelecem as regras do jogo e permanecem brincando até o entardecer.

POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA

A obra possibilita a exploração de diversas noções matemáticas que envolvem o raciocínio lógico, tais como: comparação de propriedades e de quantidades de objetos; contagem e correspondência um a um até o número 10; composição e decomposição de quantidades até 10; adição e subtração em situações significativas (ao retirar ou acrescentar bolinhas); comparação de quantidades (identificando quem retirou mais ou menos); noções espaciais (dentro/fora, perto/longe); formas geométricas, especialmente o triângulo; planejamento de estratégias e desenvolvimento do raciocínio lógico; estimativa de distância; registro de pontuações e organização de resultados.

Figura 12 : Capa do livro “Vamos encavernar?”

[**CLIQUE AQUI**](#)

Boneto e Ramalhos, 2024.

DO QUE O LIVRO TRATA

No livro “Vamos encavernar?”, de Cristiane Boneto e Larissa Ramalhos, a narrativa apresenta as estratégias elaboradas por cinco amigos, integrantes do grupo “Pequenos Matemáticos”, para construir uma caverna de faz de conta e, assim, brincarem juntos. Para tanto, as crianças levantam hipóteses, ponderam possibilidades e testam diversas estratégias.

Inicialmente, questionam qual seria o espaço mais adequado para que todos coubessem na caverna e concluem que uma mesa poderia servir de estrutura. Em seguida, experimentam mesas de diferentes tamanhos até encontrarem aquela que melhor atende às necessidades do grupo.

Logo surge outro desafio: a claridade do dia não corresponde ao ambiente escuro que imaginam para uma caverna. A fim de resolver essa situação, dispõem tecidos sobre a mesa, com o objetivo de bloquear a entrada de luz. Ao perceberem que os tecidos escorregam, decidem posicionar sobre eles um objeto pesado, a fim de mantê-los fixos. Quando finalmente conseguem escurecer o interior, surge um novo problema: um dos amigos sente medo do escuro e declara não desejar mais participar da brincadeira. Com o intuito de acolhê-lo, o grupo decide substituir parte do tecido por outro mais fino, permitindo a entrada de um pouco de luz. Desse modo, encontram uma solução que contempla a todos e conseguem brincar na caverna construída coletivamente.

POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA

A partir da obra, é possível explorar noções matemáticas, tais como: resolução de problemas e elaboração de estratégias; levantamento e testagem de hipóteses; medidas de comprimento, altura e largura; comparação de tamanhos (maior/menor, cabe/não cabe); noções espaciais (dentro/fora, em cima/embaixo); relações de grandeza (leve/pesado, claro/escuro, em termos comparativos); comparação e classificação de materiais segundo suas propriedades (espessura, textura, transparência); estimativa de espaço e organização coletiva do ambiente; noções de quantidade, ao se considerar o número de participantes e o espaço disponível.

Figura 13: Capa do livro “Uma amizade geométrica”



Dante, 2023.

DO QUE O LIVRO TRATA

No livro “Uma amizade geométrica” do autor Luiz Roberto Dante, a narrativa apresenta o encontro e a construção da amizade entre quatro figuras geométricas bidimensionais – triângulo, círculo, quadrado e retângulo. Ao longo da trama, conduzida com leveza e interação, os personagens convidam o leitor a descobrirem as formas existentes em diferentes objetos que permeiam o universo infantil. Na história, as formas geométricas ao mesmo tempo que reconhecem suas diferenças, também percebem afinidades inesperadas transmitindo uma mensagem de respeito ao jeito de ser de cada um. Diante disso, exploram novas brincadeiras que só poderiam ser realizadas com a participação de todas as formas.

POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA

Podem ser exploradas noções matemáticas que envolvem a identificação de formas geométricas bidimensionais: círculo, quadrado, triângulo e retângulos; as características das figuras: número de lados, cantos, curvas, orientação (vertical/horizontal); a composição de formas: montar personagens ou cenas a partir da combinação dessas figuras; além da classificação e agrupamento: ordenar por forma, cor ou características estruturais. Também é possível realizar comparações entre figuras bi e tridimensionais utilizando objetos e imagens cotidianas.

Por fim, também há a possibilidade de se criar sequências, utilizando as figuras bidimensionais trabalhadas, para as crianças completarem seguindo o padrão/a regra escolhidas pelo(a) docente.

A composição de formas: montar personagens ou cenas a partir da combinação das figuras. Além da classificação e agrupamento: ordenar por forma, cor ou características estruturais.

[**CLIQUE AQUI**](#)[**CLIQUE AQUI**](#)

Figura 14: Capa do livro “O que vem depois?”



Dante, 2023.

DO QUE O LIVRO TRATA

No livro “O que vem depois?”, de Luiz Roberto Dante, a narrativa apresenta a brincadeira preferida de Felipinho: organizar diferentes elementos em sequência. O menino dispõe objetos segundo critérios variados e compartilha esses momentos com o avô, que o incentiva a ampliar suas aprendizagens relativas às sequências lógicas ao propor novos desafios envolvendo tipos distintos de ordenação. A história evidencia que padrões e regularidades estão presentes na arquitetura, no artesanato, nos ambientes e em objetos do cotidiano, aproximando a matemática das experiências reais da criança.

POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA

A exploração matemática da obra favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico ao estimular o pensamento sequencial organizado com base em critérios como cor, forma e tamanho. Além disso, o aumento gradual da complexidade – ao misturar diferentes atributos em uma mesma sequência – desafia as crianças a identificar regularidades e compreender a lógica de composição dos padrões.

A narrativa também possibilita a exploração de figuras geométricas bidimensionais, tais como: círculo, quadrado e triângulo. O livro abre espaço para outras possibilidades de trabalho matemático, tais como: comparação e classificação de objetos; identificação e criação de padrões repetitivos e crescentes; noções de posição e organização espacial; antecipação e previsão (o que vem antes e o que vem depois); construção e verbalização de critérios de ordenação; elaboração de hipóteses e argumentação acerca da lógica utilizada.

[**CLIQUE AQUI**](#)[**CLIQUE AQUI**](#)



Andrade, 2022.

DO QUE O LIVRO TRATA

No livro “O barato da Dona Baratinha”, de Paula Andrade, a narrativa apresenta a história de Dona Baratinha, que se considerava muito econômica por sempre adquirir os produtos mais baratos e aproveitar promoções. Apesar disso, sentia-se confusa, pois seu dinheiro nunca sobrava ao final do mês. Certo dia, Dona Formiga a alerta de que nem sempre comprar pelo menor preço representa a melhor escolha, sendo necessário considerar também a qualidade e a durabilidade do produto. A partir desse conselho, Dona Baratinha repensa seus critérios de compra e passa a fazer escolhas mais conscientes e alinhadas às suas necessidades reais.

POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA

A exploração matemática da obra possibilita o trabalho, com crianças pequenas, sobre as diferenças das funções sociais dos números (contar, ordenar, quantificar, medir, codificar) especialmente aquelas relacionadas ao sistema monetário (medida). A história favorece reflexões sobre consumo consciente, comparação de preços, relação entre quantidade e valor, bem como sobre a importância do planejamento dos gastos. Além disso, abre espaço para a discussão de noções como economia, desperdício, custo-benefício e tomada de decisão.



CLIQUE AQUI



CLIQUE AQUI

Figura 16 : Capa do livro “A balança”



Bueno, 2019.

DO QUE O LIVRO TRATA

No livro “A balança”, de Renata Bueno, a narrativa apresenta a comparação do peso de diferentes animais (coelho, leão, peixe, girafa e jacaré), frutas (maçã e maçãs) e objetos (pena, recipientes, foguete e soldado de chumbo) são colocados sobre uma balança. A obra tem como elemento central a própria balança, e suas ilustrações destacam-se por convidar o leitor a observar atentamente as imagens e a comparar, intuitivamente, os elementos posicionados em cada lado.

POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA

A exploração matemática do livro favorece a reflexão a partir da comparação dos elementos apresentados em cada página. Evidenciam-se noções matemáticas como muito/pouco, cheio/vazio, maior/menor, mais pesado/mais leve, equilíbrio/desequilíbrio, equivalência de peso e presença/ausência de objetos. Além disso, a narrativa possibilita outras explorações matemáticas, tais como: formulação de hipóteses (o que acontecerá se acrescentarmos outro objeto?); formulação de hipóteses sobre os resultados da página seguinte; estimativas sobre qual lado ficará mais baixo; noção de compensação (quantos objetos menores seriam necessários para equilibrar um maior?); discussão sobre critérios de comparação (o tamanho nem sempre corresponde ao peso).

[**CLIQUE AQUI**](#)

Figura 17: Capa do livro “Um amor de confusão”



Rangel, 2018.

DO QUE O LIVRO TRATA

O livro “Um amor de confusão”, de Dulce Rangel, narra a história de uma galinha que amava todos os ovinhos e, ao encontrar algum abandonado, levava-o para seu ninho, cuidando dele com carinho. A cada saída, Dona Galinha encontrava mais ovos, aumentando de um em um a quantidade em seu ninho. Quando os ovinhos finalmente chocam, ela tem uma grande surpresa, mas reage com alegria e gentileza.

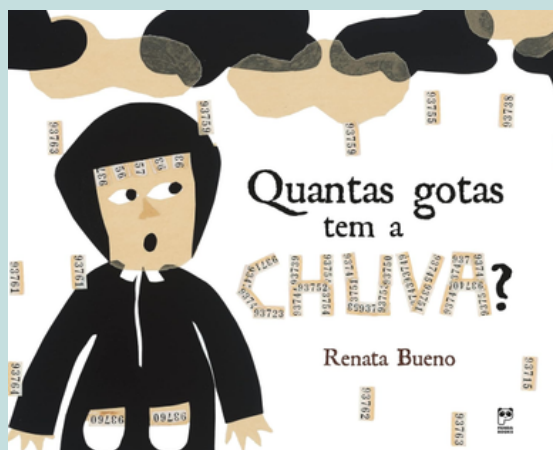
POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA

A exploração matemática da obra favorece a reflexão sobre a contagem e sobre a adição, tanto em relação a ação de juntar como a de acrescentar elementos, à medida que os ovos são reunidos no ninho. A repetição da ação de “encontrar mais um” possibilita trabalhar a ideia de acréscimo sucessivo, contribuindo para a construção do sentido de quantidade e para a compreensão inicial da soma como junção de conjuntos.


[CLIQUE AQUI](#)

[CLIQUE AQUI](#)


Figura 18: Capa do livro “Quantas gotas tem a chuva?”



Bueno, 2016.

DO QUE O LIVRO TRATA

No livro “Quantas gotas tem a chuva?”, de Renata Bueno, a narrativa é construída por meio de diversas perguntas que permeiam o universo infantil e instigam a curiosidade das crianças, convidando-as a buscar possíveis respostas. O texto apresenta unidade temática; contudo, cada pergunta pode ser explorada de forma independente, não havendo necessidade de leitura linear nem de conclusão da obra para que faça sentido.

Destacam-se, como exemplos, as seguintes perguntas: “Quantos tubarões ainda existem nos mares do nosso planeta?”; “Quantos passos você precisa dar para chegar da cama até a cozinha?”. Tais questionamentos se conectam diretamente com as ilustrações, nas quais números aparentemente aleatórios compõem a estética visual e ampliam as possibilidades de interpretação.

POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA

A exploração matemática da obra favorece o desenvolvimento do pensamento investigativo ao propor situações que se aproximam dos interesses infantis e estimulam a imaginação e a reflexão. A narrativa mobiliza noções relacionadas a quantidades numéricas, contagem, estimativa, resolução de problemas, temporalidade e deslocamento no espaço.

Além disso, o livro possibilita outras explorações matemáticas, tais como: elaboração e testagem de hipóteses; noção de grandezas de difícil mensuração (como a quantidade de gotas da chuva); construção de estratégias pessoais de contagem; utilização de unidades de medidas não convencionais (como passos).



CLIQUE AQUI



CLIQUE AQUI



Figura 19 : Capa do livro “Pra lá e pra cá!”



Almeida; Zanetti; Bueno, 2010.

DO QUE O LIVRO TRATA

O livro “Pra lá e pra cá?”, de Fernando de Almeida, Mariana Zanetti e Renata Bueno, narra as vivências do gatinho Tônico, permeadas por comparações e oposições presentes em seu cotidiano. Ao longo da história, diferentes situações evidenciam contrastes como dentro/fora, perto/longe e cheio/vazio. Em um dos episódios, destaca-se o momento em que a tutora de Tônico coloca um pratinho com seu alimento favorito; pouco tempo depois, o recipiente já se encontra vazio, evidenciando a transformação de estados.

POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA

A exploração matemática da obra favorece a construção de noções espaciais e relacionais, como em cima/embaixo, grande/pequeno, cheio/vazio e longe/perto, ressaltando as relações de oposição que estruturam a compreensão do espaço e das quantidades no cotidiano infantil.



CLIQUE AQUI

Referências



ABRAMOWICZ, Anete; KRAMER, Sonia. Afinal para que serve a Educação Infantil? **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 26, p. 1–11, 2023. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.26.22414.065. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/22414>. Acesso em: 1 ago. 2025.

ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **A economia de Maria**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

BONETO, Cristiane; TANAKA, Ana Lúcia. **Problemas monstruosos: O mundo dos Dongos**. 2. ed., São Paulo: Carochinha, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: MEC/SEF, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 30 jul. 2025.

BRASIL. **Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 16 fev. 2026.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) – Volume 3**. Brasília: MEC/SEB, 1998. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 16 fev. 2026.

BRASIL. **Emenda Constitucional n.º 108, de 26 de agosto de 2020.** Altera a redação de dispositivos da Constituição Federal para dispor sobre a realização de eleições gerais e outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 27 ago. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc108.htm. Acesso em: 16 fev. 2026.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788572444910/>. Acesso em: 17 fev. 2026.

DANTE, Luiz Roberto. **É um, é dois, é três!.** 1. ed., São Paulo: Editora do Brasil, 2023.

DANTE, Luiz Roberto. **O que vem depois?.** 1. ed., São Paulo: Editora do Brasil, 2023.

DANTE, Luiz Roberto. **Uma amizade geométrica.** 1. ed., São Paulo: Editora do Brasil, 2023.

FRANCO, Blandina. **A matemática do urso.** 1. ed., São Paulo, SP: Brinque-Book, 2024.

KRAMER, Sonia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e é fundamental. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Vc4sdh6KwCDyQPvGGY8Tkmn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2025.

KRAMER, Sonia. O papel social da pré-escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 58, p. 77-81, 1986. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1321>. Acesso em: 1 ago. 2025.

LORENZATO, Sergio. **Educação Infantil e percepção matemática.** 3 ed., São Paulo: Autores Associados, 2018.

MOREIRA, Herivelto, CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** 2a edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MUNSON, Jen; WILLIAMS, Cathy; BOALER, Jo. **Mentalidades Matemáticas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Penso, 2024. *E-book*. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559760602/>.

Acesso em: 17 fev. 2026.

RIO DE JANEIRO. **Currículo Carioca SME/RJ 2020**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/10884555/4268548/EDUCACAOINFANTIL.pdf>. Acesso em: 15 jul.2025.

SANTOS, Maria José Costa dos. O letramento matemático nos anos iniciais do ensino fundamental. **REMATEC**, Belém, v. 15, p. 96–116, 2020. DOI: 10.37084/REMATEC.1980-3141.2020.n0.p96-116.id238. Disponível em: <https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/126>. Acesso em: 8 ago. 2025.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **A Matemática na Educação Infantil**: As teorias das inteligências múltiplas na prática escolar. Porto Alegre: Penso, 2000. *E-book*. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788584290024/>.

Acesso em: 17 fev. 2026.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento - nova edição**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788572449854/>.

Acesso em: 17 fev. 2026.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

SOARES, Magda. **Letramento - Um tema em três gêneros**. 4. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2007. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 17 fev 2026.

VIEIRA, Lívia Fraga; BAPTISTA, Mônica Correia. **Educação infantil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555412659/>.

Acesso em: 17 fev. 2026.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**. Porto Alegre: Penso, 1998. *E-book*. Disponível

em:<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788584290185/>.

Acesso em: 17 fev. 2026.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2006. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 17 fev 2026.

Referências dos vídeos

ALÊ SILVA. **O Cofre do João**. YouTube, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=atYQzWY3mGw>. Acesso em: 17, fev, 2026.

AYO CULTURAL. Floresta de números, Emmanuelle Moureaux. YouTube, 27 jan. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zgtWAT7fQM0>. Acesso em: 17 fev, 2026.

AYO CULTURAL. **Tour Virtual - Exposição Floresta de Números - Emmanuelle Moureaux**. YouTube, 15 mar. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l36ofBDJ1pU>. Acesso em: 17 fev, 2026.

BRINCAR DE QUÊ? **Livro infantil - A economia de Maria**. YouTube, 14 mar. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=keihY_mDXPg. Acesso em: 17 fev, 2026.

CAROCHINHA EDITORA. **Problemas monstruosos | O mundo dos dongos**. YouTube, 28 mai. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-qIGBorM9O8>. Acesso em: 17 fev, 2026.

EDUCAÇÃO, LIVROS & LITERATURA. **O Barato da Dona Baratinha, de Paula Andrade - Dica de Leitura!**. YouTube, 5 mar. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Y8fj0ix2Zw>. Acesso em: 17 fev, 2026.

LER E CONTAR HISTÓRIAS. **Pra lá e pra cá, de Fernando de Almeida, Mariana Zanetti e Renata Bueno por Rodrigo Guadagnini**. YouTube, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nbbef2rQ3T4>. Acesso em: 17 fev, 2026.

MÚLTIPLOS ART & PLURAL. **História “Quantas gotas tem a chuva?”**. YouTube, 12 jun. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qSbYsa_I7kE. Acesso em: 17 fev, 2026.

RITA CORDEIRO - A MAMÃE CONTA. **Livro Infantil Narrado - Um Amor de Confusão - Autora Dulce Rangel - Material paradidático**. YouTube, 25 jun. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SylJV2asP20>. Acesso em: 17 fev, 2026.

TV BRINQUE-BOOK. **Aprenda a desenhar o Gildo, com Silvana Rando!**. YouTube, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IF9z2qnyvww>. Acesso em: 17 fev, 2026.

SOBRE AS AUTORAS



Sheyla Santos de Sousa é professora de Educação Infantil desde 2011 no Município do Rio de Janeiro. É especialista em Educação Psicomotora e Arte pelo Programa de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGEPEC) do Colégio Pedro II. É licenciada em Pedagogia pela Faculdade Unyleya. Integra o Laboratório de Estudos, Pesquisas e Práticas em Educação Matemática nos Anos Iniciais do Colégio Pedro II (LEPPEMAI/CPII). Atualmente, é mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II. Contato: sheyla.santos.3@cp2.edu.br



Helen Silveira Jardim de Oliveira é professora do Ensino Fundamental desde o ano 2003. Pós-doutora e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Música pela UFRJ. Especialista em Educação Matemática pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) e em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Professora Titular do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Colégio Pedro II (CPII), com atuação na Pós-graduação, no curso de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB-CPII) e no Departamento de Anos Iniciais do Ensino Fundamental – campus São Cristóvão I. É líder do Laboratório de Estudos, Pesquisas e Práticas em Educação Matemática nos Anos Iniciais do Colégio Pedro II (LEPPEMAI CPII). Contato: prof_helen@yahoo.com.br